



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA EDUCAÇÃO E ARTES**

**ARTE CONTEMPORÂNEA E EXPERIÊNCIAS: UM
DIÁLOGO COM PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO
INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL**

Adriana Maria do Nascimento Ferreira

Santa Maria, RS, Brasil

2012



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA EDUCAÇÃO E ARTES**

**ARTE CONTEMPORÂNEA E EXPERIÊNCIAS: UM
DIÁLOGO COM PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO
INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Adriana Maria do Nascimento Ferreira

**Santa Maria, RS, Brasil
2012**

ARTE CONTEMPORÂNEA E EXPERIÊNCIAS: UM DIÁLOGO COM PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

POR

ADRIANA MARIA DO NASCIMENTO FERREIRA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de concentração em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luís Fernando Lazzarin
Co-orientadora Profa Dra. Marilda Oliveira de Oliveira

Santa Maria, RS, BRASIL
2012

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Linha de Pesquisa Educação e Artes**

A Comissão Examinadora, abaixo-assinada, aprova a dissertação

**ARTE CONTEMPORÂNEA E EXPERIÊNCIAS: UM DIÁLOGO COM PROFESSORAS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL**

elaborada por

Adriana Maria do Nascimento Ferreira
Como requisito para a obtenção do grau de

Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. **Luís Fernando Lazarin** (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Profa. Dra. **Marilda Oliveira de Oliveira** (UFSM)
(Co-orientação)

Profa. Dra. **Luciana Gruppelli Loponte** (UFRGS)

Profa. Dra. **Ana Lucia Marques e Louro-Hettwer** (UFSM)

Profa. Dra. **Roseane Martins Coelho** (UFSM)

Santa Maria, março de 2012

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

ARTE CONTEMPORÂNEA E EXPERIÊNCIAS: UM DIÁLOGO COM PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

Autora: Adriana Maria do Nascimento Ferreira
Orientador: Prof. Dr. Luís Fernando Lazzarin
Co-Orientadora: Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira
Santa Maria, 30 de Março de 2012

A proposta deste trabalho foi problematizar as experiências de quatro professoras, sendo a professora 1, pedagoga de educação infantil, a professora 2, pedagoga dos anos iniciais, a professora 3, pedagoga também dos anos iniciais e a professora 4, licenciada em educação artística. A partir de encontros mensais buscou-se um diálogo entre a experiência dessas professoras e a arte contemporânea. O estudo foi de cunho qualitativo, a partir da abordagem teórico-metodológica dos Estudos Culturais em Educação. Este estudo decorre da necessidade de se pensar um processo formativo que contemple as questões da contemporaneidade no que se refere à arte e à educação. Conclui-se que apesar de não existir uma experiência aprofundada com a arte contemporânea, há inquietações que vislumbram tal experiência, permitindo, assim, problematizá-las.

Palavras-chave: Estudos Culturais; educação; experiência; arte contemporânea.

ABSTRACT

Master's Degree Dissertation
Program of Post-Graduation in Education
Federal University of Santa Maria

CONTEMPORARY ART AND EXPERIENCES: A DIALOG WITH TEACHERS OF CHILD AND FUNDAMENTAL EDUCATION

Author: Adriana Maria do Nascimento Ferreira
Advisor: Prof. Dr. Luís Fernando Lazzarin
Co-Advisor: Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira
Santa Maria, March 30, 2012

This task's purpose was to discuss the experiences of four female teachers, being teacher 1 a pedagogue of child education, teachers 2 and 3 pedagogues of initial years and teacher 4 a bachelor in art education. Monthly meetings were used to promote a dialog with their experiences and with contemporary art. It was a qualitative study, through the Education Cultural Studies theoretical-methodological approach. This research results from the need to think a formative process which may address contemporary questions about art and education. A conclusion is that despite their lack of profound experiences with contemporary art, there are inquietudes which lead to glimpses of such experience, allowing, then, discussions about it.

Keywords: Cultural studies; education; experience; contemporary art.

FIGURAS

FIGURA – 1: Fotografia da autora da pesquisa (2010).....	10
FIGURA – 2: Fotografia da autora da pesquisa (2007).....	21
FIGURA – 3: Fotografia da autora da pesquisa (2010).....	29
FIGURA – 4: Fotografia da autora da pesquisa (2010).....	48
FIGURA – 5: Fragmento do vídeo <i>Streamline</i>	56
FIGURA – 6: Fragmento do vídeo <i>caja de música</i>	58
FIGURA – 7: Fotografia da autora da pesquisa (2010).....	60
FIGURA – 8: Fotografia da autora da pesquisa (2011).....	63
FIGURA – 9: Jorge Macchi – Nocturno	73
FIGURA – 10: A reinvenção da roda e urinol- Duchamp	74
FIGURA – 11: Galaxy - Jacson Pollack.....	75
FIGURA – 12: Marilyn e a deusa de (retirar 'de') Vênus de Milo	76
FIGURA – 13: Mickey Mouse, Coca-cola, Lata de sopa - Andy Warhol	77
FIGURA – 14: <i>Landart</i> – Robert Smirthson.....	78

SUMÁRIO

1. A TRAVESSIA.....	10
1.2. A arte contemporânea e eu: largando algumas roupas usadas.....	18
2. EXPERIÊNCIA: OBJETO DE PESQUISA.....	21
3. ESTUDOS CULTURAIS: UMA PERCEPÇÃO.....	29
4. O COMPARTILHAR DA PESQUISA.....	36
4.2 O reencontro.....	48
5. PALAVRAS “FINAIS”	63
REFERÊNCIAS.....	68
Anexos.....	72

Agradecimentos

Chegou o momento em que geralmente emociona, porque é nesse pequeno espaço dentro de um trabalho construído ao longo de dois anos, que reservamos para agradecer aquelas pessoas que de alguma forma fizeram parte desse processo. Nesse momento, as lembranças afloram e assim relembro tudo ou quase tudo que vivi, aprendi, construí e desconstruí. Então agradeço:

- A Deus pela proteção que sentia a cada dificuldade como também nas alegrias.
- Ao meu orientador prof. Luís Fernando Lazzarin, pessoa imprescindível na construção deste trabalho.
- À minha Co-orientadora prof^a. Marilda Oliveira pela generosidade comigo.
- Aos colegas do grupo de estudos GEPaec.
- Aos meus pais (Irene e Alcides) por estarem comigo sempre, mesmo à distância.
- Aos meus irmãos Andréa (minha gêmea) e André, amo vocês!
- Aos meus sobrinhos, Alcides e Ellen por tornarem minha vida mais leve.
- A Márcio, pelo carinho, amor e paciência comigo nessa caminhada.
- Aos colegas do mestrado pelas conversas, desabafos e principalmente pelas festas!
- Aos meus amigos/as de Pernambuco, minha terra amada.
- Às professoras participantes da pesquisa pela contribuição de forma atenciosa para as dimensões deste trabalho.
- À prof^a Vitória Amaral e ao prof. Marcelo Martins, incentivadores dos meus estudos.
- Ao PPGE, pelos serviços prestados quando precisei.

Dedico este trabalho a:
Minha mãe, Irene Ferreira, a ela todo meu carinho e dedicação.
Meu namorado, Márcio José Rossarolla.

1. A Travessia

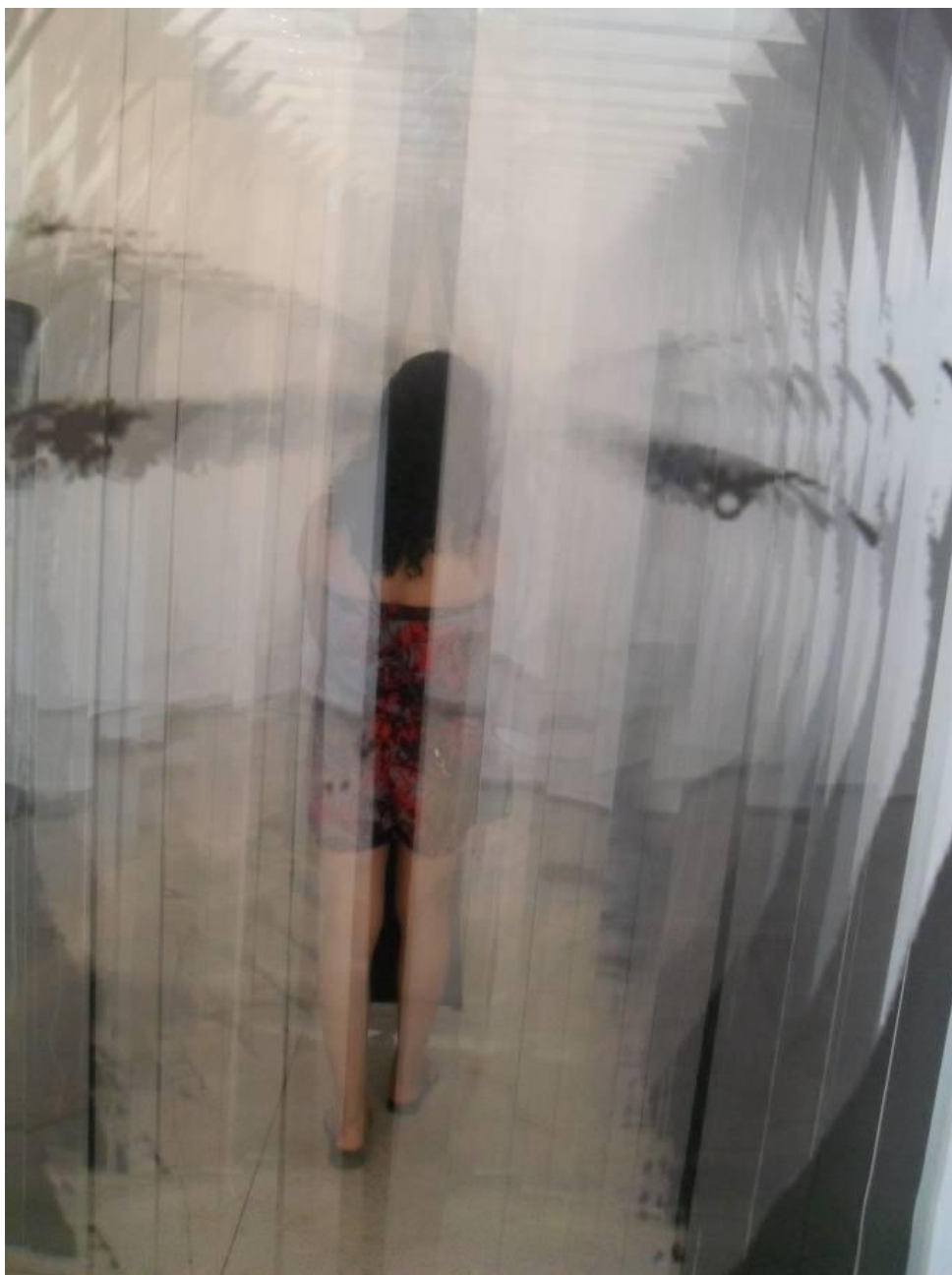


Figura 01 – Fotografia da autora da pesquisa (2010)
Fonte: arquivo pessoal

“A necessidade de experimentar/experienciar espaços/momentos para re/pensarmos nossas ações e objetivos de vida, nos impulsiona a fazer viagens que muitas vezes nos assustam, um assustar que nos dá força para seguirmos na viagem, em busca da concretização de nossos objetivos”¹.

Ao partir de meu diário de campo, construído no decorrer desta pesquisa, inicio este diálogo entre empiria, teoria e minhas percepções de pesquisadora acerca dos resultados que hoje me propiciam esse texto final, mas que pretendo não finalizar de fato aqui, mas perseguir no intuito de aperfeiçoar sempre mais meu conhecimento acadêmico, porque penso que o que se encerra são as etapas de uma pesquisa. Ciclos se fecham e outros se iniciam. Por isso a necessidade de adequar-se ao novo.

Isso acontece de uma forma rápida, hoje tudo acontece de forma muito rápida e com a mesma rapidez se desfaz. A cada leitura, conversa, orientação e aula um mundo de ideias surgia, até conseguir adequar e chegar ao que hoje apresento nesse texto.

Introduzo nesta investigação não só os passos que saíram como planejados, mas também aqueles que não me foram fiéis, pois justamente estes fizeram fluir novas formas de abordagens para continuar nessa viagem de pesquisa. No poema *Tempo de travessia*, de Fernando Pessoa é possível dialogar com a aventura da pesquisa:

Há um tempo em que é preciso

abandonar as roupas usadas...

Que já têm a forma do nosso

corpo...

E esquecer os nossos

caminhos que nos

levam sempre aos mesmos

lugares...

É o tempo da travessia...

E se não ousarmos fazê-la...

Teremos ficado...

¹ Fragmento de meu diário de campo.

Para sempre...

À margem de nós mesmos...

O poema propõe uma reflexão sobre a necessidade de estarmos buscando espaços/momentos para re/pensarmos nossas ações e objetivos de vida, que podem ser transpostos da vida pessoal para a profissional.

Neste caminho, fiz essa travessia e mergulhei no contexto do referencial teórico-metodológico dos Estudos Culturais, de perspectiva pós-estruturalista. Assumi esse contexto no interesse de adentrar em mais um desafio de pesquisa que versa sobre o tema de um projeto² já iniciado pelo meu professor orientador Luís Fernando Lazzarin, intitulado *Experiência das artes no curso de pedagogia: articulações e diálogos contemporâneos entre o visual e o musical*, referência que serviu de subsídio para meu próprio trabalho.

Nessa viagem, conhecer os Estudos Culturais me fez sair de uma visão única do conhecimento acadêmico, profissional e pessoal. Uma visão limitada que não me permitia fazer uma reflexão mais aprofundada da área de educação. Para situar de forma resumida aqui nesse início de texto, aponto em seguida como se deu a criação dos Estudos Culturais: surgem em 1964, com a fundação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Inglaterra, pela universidade de Birmingham. Pretendia-se discutir de início sobre as questões que rodeavam o conceito de cultura, que até então era vista de uma forma não democrática.

À luz das discussões dos Estudos Culturais, uma definição aproximada de cultura poderia ser: o conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização.

Entre os principais representantes estão Raymond Williams, Richard Hoggart e Edward P. Thompson. Os autores citados tiveram publicações que impulsionaram os estudos sobre cultura. Uma vertente desses estudos acerca da cultura era a luta pelas minorias no que se refere à pesquisa na área concentrada de análise da cultura. (SILVA, 1997).

²O projeto problematiza, através do referencial teórico-metodológico dos Estudos Culturais, as possibilidades de articulação e conexão entre a experiência visual e a experiência musical no âmbito do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria, a partir do mapeamento e da análise das práticas artísticas contemporâneas.

Nessa linha de pensamento, e também a partir das minhas experiências anteriores, pude iniciar uma pesquisa que me fez crescer em vários aspectos da vida, não apenas o acadêmico.

Vejo que minha inserção no mestrado em Educação na UFSM, em Santa Maria/RS, acrescentou muito mais que conhecimento acadêmico, mas também conhecimento próprio e conhecimento de vida. Mas antes de chegar aqui vivenciei situações que me auxiliaram nos momentos das escolhas como a da profissão de pedagoga.

Entre no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Garanhuns, apenas com a certeza de que estava fazendo algo que pudesse me proporcionar experiências que me impulsionariam à oportunidades válidas.

Neste sentido, à medida que fui me envolvendo com as atividades acadêmicas, apropriei-me das oportunidades que de fato aconteceram. Na identificação com o curso, nos estudos e nas pesquisas no campo da educação em artes, passei a admirar a profissão de educadora, almejando, assim, um futuro profissional na área.

Iniciei meus interesses pelas ramificações desta área de conhecimento a partir de um contato direto, visitando museus e exposições, participando de congressos, de apresentação de trabalhos, como ouvinte em eventos e na tessitura das leituras em artes, como também na educação das artes. Isso ocorreu no período da graduação.

Através de tais experiências, alimentei uma visão de professora/pesquisadora, identificando-me, de fato, com o trabalho que realizo, numa apropriação de conhecimentos advindos de constantes estudos e pesquisas.

Encontrava-me no 7º período do Curso de Pedagogia, quando no ano de 2008 participei do programa de mobilidade acadêmica³, ano em que saí de Garanhuns-PE, no nordeste do Brasil, para estudar e conhecer a cultura de uma região que fica no outro extremo do país.

Dentre várias universidades vinculadas ao programa de mobilidade acadêmica escolhi, sob orientação da professora Vitória Amaral⁴, a Universidade Federal de Santa Maria/RS, por apresentar um amplo campo de pesquisas em Arte e Educação, o que possibilitaria ampliar meus conhecimentos nesta área.

³ A mobilidade acadêmica é um programa que possibilita ao discente de graduação, matriculado em uma IES Federal, estudar em outra instituição Federal, que tenha cursos equivalentes.

⁴ Professora adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco, do Curso de Pedagogia e minha orientadora na época.

Entramos em contato com a professora Marilda Oliveira de Oliveira⁵, que nos auxiliou do início ao fim desta experiência, durante todo semestre letivo em que permaneci na UFSM, período que se configurou de imensa valia.

Nesse contexto, o da educação em artes, e ainda em Garanhuns, realizei minha pesquisa monográfica com uma turma do 4^o Normal Médio, de uma escola da rede Estadual, localizada no município de Garanhuns/PE.

Nesta pesquisa procurei compreender como acontecem as práticas pedagógicas em Artes no normal médio, a relevância dessa disciplina na formação de futuros(as) profissionais da Educação, e como estão sendo preparados(as) para trabalhar com estudantes das Séries Iniciais do Ensino Fundamental com a disciplina de Arte.

Constatedei, durante as observações que realizei junto à classe, que existe uma lacuna na formação da professora que lhe dê subsídios para o trabalho com o Ensino de Artes, o que dificulta a atuação na área.

A pesquisa de TCC me serviu como um incentivo para dar continuidade aos estudos em relação à arte na educação, intentando conhecer com mais afinco o que eu pretendi pesquisar ainda na graduação e que agora, no mestrado, dou continuação, porém através de um olhar menos preconceituoso e mais atento, por assim dizer.

Quando exponho que agora tenho um olhar menos preconceituoso, me remeto à época em que realizei a pesquisa de TCC com um grupo de alunas do Curso Normal Médio⁶ e com a professora que ministrava a disciplina de arte⁷. As professoras faziam pintura de desenhos prontos, recorte e colagem e guardavam em uma pasta, que no futuro utilizariam com seus alunos da educação infantil e séries iniciais.

Critiquei muito na escrita do meu TCC esta forma de se “aprender arte”; porém, depois positivamente entendi que ali não existia uma formação específica para que houvesse de fato um ensino de arte adequado. Fiz uma viagem de leituras e reflexões para entender que as professoras faziam o que tinham em mãos, o que a educação oferecia naquele momento e naquele contexto.

Esse foi um dos ganhos mais significativo em minha formação, excluir o pensamento preconceituoso em relação às práticas de ensino e de todos os momentos, lugares e situações em que viajo e vejo algo que não é igual ao que estudo ou acredito.

⁵ Professora Associada do Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Educação e do Programa de Pós Graduação em Educação - PPGE da Universidade Federal de Santa Maria-RS.

⁶ Equivalente ao antigo Magistério (em nível médio).

⁷ A professora tinha formação em Pedagogia e em uma das observações que realizei na escola ela me relatou que fez capacitação em Arte/Educação oferecida pelo governo do estado.

Concluída minha graduação, retornei à UFSM, pois fui aprovada na seleção do mestrado em educação. Minha orientação foi realizada pelo professor Luís Fernando Lazzarin. Foram momentos de dúvidas, por conta da mudança de perspectiva teórica, mas que vieram a se dissolver com o andar das orientações.

No mestrado, ampliei meu repertório de conhecimentos acerca da Educação em Artes e aprofundei alguns conceitos, como os de experiência e arte contemporânea, conceitos que para essa pesquisa foram a base das discussões.

Com a orientação teórica e campo de pesquisa numa abordagem qualitativa, foi possível vivenciar, testar, ensaiar e esclarecer dúvidas em relação ao seu andamento.

Utilizei como estratégia metodológica alguns elementos inspiradores advindos da pesquisa etnográfica. A etnografia, como nos aponta Santos (2005), subsidia de modos diversos os caminhos de uma pesquisa, ou seja, à medida que a viagem de pesquisar acontece, os lugares, as pessoas, os momentos, as saídas, as interrupções vão entrando em harmonia.

Os caminhos para a chegada da viagem vão depender do roteiro escolhido, o que Santos (2005) chamou de “etnógrafo-turista”, porque o pesquisador prevê um roteiro, mas ao longo de sua viagem ele pode tomar outra direção, ou pelo menos adequar-se a ela.

Além da viagem física, ou seja, a pesquisa de campo propriamente dita, o etnógrafo sempre está a viajar naqueles objetos que encontrou durante sua estada nos lugares por onde andou, tais como: as anotações, os escritos e as reflexões. (SANTOS, 2005).

Os objetos trazidos da “viagem⁸” servem para fazer a reconstituição e contar como foi o processo, de acordo com a visão do viajante, pois se outro pesquisador estiver no mesmo lugar e nos mesmos horários que o outro, com certeza ambos não terão as mesmas percepções, porque a cada observação elementos novos ou não vistos surgem, dando outro sentido à pesquisa. (SANTOS, 2005).

Foi possível enxergar as situações descritas acima durante o processo da pesquisa, que por consequência do processo de sua construção, dividiu-se em dois momentos: a constituição do projeto, em 2010, momento em que fiz uma primeira

⁸ Utilizo esta metáfora por ser tão presente na minha caminhada.

incursão no campo de pesquisa, e em seu seguimento, 2011, quando voltei ao campo de pesquisa para finalizar o levantamento dos dados.

Dessa forma, esse método é suscetível a alterações de acordo com o que é visto, sentido, e ouvido, e o que não é visto, nem sentido e nem ouvido, uma vez que o silêncio, os medos, as dúvidas fazem parte do processo constitutivo de um trabalho de pesquisa.

Esse movimento é pertinente para que numa pesquisa possamos rever, ponderar e repensar as ações que envolvem a viagem de pesquisar com a sensibilidade de perceber também como chegar, por onde andar e como prosseguir ao seguir as orientações que nos são dadas na aventura a qual nos submetemos ao entrar. (SANTOS, 2005).

Com o grupo de professoras senti reações diversas, inclusive uma delas me inquietou a ponto de pensar que eu não conseguiria ir adiante com a pesquisa, pelo fato de os três primeiros encontros não terem saído de acordo com o objetivo inicial, que, resumidamente, era ouvir suas experiências com a arte contemporânea. Quando, no primeiro momento da pesquisa de campo, em 2010, ao expor minha proposta, almejei saber sobre suas experiências com a arte contemporânea, elas me responderam com um silêncio.

Para compreender que o silêncio também era dado relevante para a pesquisa, um ponto a ser desenvolvido, mergulhei no exercício de revisão e análises dos dados na busca pelo motivo daquele silêncio. Movimentada pelo medo causado pelo silêncio das professoras, segui em mais um roteiro da viagem.

A primeira impressão que tive daquele silêncio foi o de que perderia o grupo, e em decorrência disso teria que formar outro; mas ao me distanciar um pouco daquele momento em grupo, pude avaliar e refletir sobre, chegando a uma compreensão de que aquela manifestação de silêncio tinha uma possível explicação que poderia ser o desconhecimento do tema que propus para conversarmos em grupo: arte contemporânea.

Foi então que repensei minha abordagem com o grupo. Antes de iniciar os próximos encontros previstos para o primeiro semestre de 2011, entrei em contato com as professoras via meios eletrônicos para me aproximar um pouco mais delas e assim pensar uma forma de abordagem que as fizesse conversar sem receios de “errar”.

O fato é que elas tinham alguma experiência para contar, mas a insegurança delas em relação ao tema fez com que num primeiro momento não conseguissem expor de forma precisa.

Este dado trouxe-me o anseio e a persistência motivadora para continuar na viagem. Perdurei por mais um semestre para conseguir dar outro movimento à pesquisa. Utilizei-me de meios virtuais⁹ como e-mail e MSN para manter o contato com o grupo de professoras.

Com o auxílio dos meios eletrônicos, foi possível encaminhar os encontros em grupo com as professoras participantes da pesquisa. Foi a forma mais adequada para fazer o diálogo entre o método e a perspectiva teórica utilizada na produção da pesquisa.

Foi assim que pensei em realizar uma aproximação da arte contemporânea com o grupo de professoras. Com essa mudança de estratégia me surpreendi quando as ouvi falar de forma natural a respeito do tema relacionando com suas experiências pessoais e profissionais.

Pesquisar sob a ótica etnográfica possibilita sair um pouco das narrativas que prendem nossas pesquisas a métodos e metodologias tidas como onipotentes. (CHIZZOTTI, 2006). Essa inspiração metodológica possibilita uma aproximação com o grupo, espaço este fundamental para entender, dialogar, problematizar e expor as intenções e percepções encontradas, pois ao lidar com pessoas, lidamos também com suas subjetividades. Assim, faz-se coerente inserir uma prática de pesquisa que possa fazer as ligações, as adequações e os ajustes necessários no percurso do trabalho.

O ato de pesquisar possibilita uma abertura constante para surpresas no campo estudado. Tal movimento, permitido pela perspectiva teórica adotada neste trabalho, admite a utilização de diferentes caminhos necessários em seu andamento.

A pesquisa de campo foi constituída por seis encontros em grupo. Os três primeiros foram registrados em meu diário de campo e os três seguintes registrados em áudio, cujas transcrições realizei posteriormente. Solicitei, ainda, para cada uma das professoras, ao final dos três últimos encontros, que escrevessem uma carta que expusesse suas ideias a respeito dos encontros. Pela internet, via e-mail, lancei uma

⁹ Os meios virtuais foram um mecanismo a que recorri para dinamizar a pesquisa.

questão sobre a percepção delas sobre a arte contemporânea. A internet auxiliou o contato entre nós¹⁰.

Assim, após o levantamento inicial dos dados, através das visitas às escolas, inseri um primeiro objetivo, que era o de pesquisar as experiências de professoras de artes. Esse objetivo assemelhava-se de forma mais próxima do projeto que inspirou este trabalho (projeto que já foi mencionado anteriormente).

No decorrer do processo de constituição do meu projeto, fui adaptando-o às leituras que fui tendo contato e me apropriando em relação ao meu olhar de pesquisadora iniciante. Desta forma, o objetivo após a reformulação foi propor e problematizar experiências com arte contemporânea à professoras de arte e pedagogas.

Ao entender que uma pesquisa também é permeada pela subjetividade de seus participantes de tal forma que não existe neutralidade, foi que, então, além das experiências das professoras, em alguns momentos no decorrer do texto inseri minhas próprias experiências em relação à arte contemporânea.

Após o contato com as escolas pude articular três encontros com as professoras participantes da pesquisa, entre os meses de outubro, novembro e dezembro do primeiro semestre de 2010.

Assim, parti para a finalização da pesquisa de campo com o grupo de quatro professoras que se dispuseram a contribuir no primeiro semestre de 2011. Os encontros ocorreram no Centro de Educação da UFSM, com duração de uma hora, entre os meses de maio, junho e julho. No final totalizei seis encontros.

1.2. A arte contemporânea e eu: largando algumas roupas usadas¹¹

Ao ingressar na graduação em pedagogia, tive a oportunidade de iniciar uma aprendizagem em relação às artes, através das aulas desta disciplina como também através de algumas inserções a respeito da arte contemporânea. Assim como o conhecer o curso, ouvir e conversar sobre arte contemporânea, para mim, era uma novidade cada vez mais instigante.

¹⁰ Para marcar o dia, a hora e o local dos encontros.

¹¹ Subtítulo com base no poema de Pessoa: Tempo de Travessia

No decorrer do curso fui embebendo-me de leituras sobre o assunto. Logo estava participando de alguns momentos em que se poderia ver a arte contemporânea de fato. Assim, mergulhei em informações e experiências e cada vez mais despertava a curiosidade de conhecer sobre o assunto que veio a se tornar ponto relevante em meus estudos.

Recordo-me, no ano de 2006, ainda na graduação em Pedagogia, mais especificamente no 3º período do curso, numa viagem para Recife, a chamada aula campo, cenário em que aconteceu minha primeira experiência com a arte contemporânea. Saímos de Garanhuns/PE, viajamos 240 km até chegarmos ao destino inicial, que era a capital Pernambucana, Recife/PE, e então pudemos seguir para o local onde estava marcada a aula campo.

Tratava-se da performance de um grupo¹² de teatro que se apresentava no MAMAM¹³. O grupo começou sua apresentação e logo fui ficando cada vez mais curiosa. Os componentes tinham velas derretidas e acesas pelo corpo, e movimentavam-se agachados. Em seguida foram grudados pelos cabelos com grampos, na parede do museu, de forma um tanto “violenta” - foi assim que percebi aquela ação, naquele momento. Então começaram a se despir. Neste momento fiquei parada e esperei mais da performance.

De repente, os atores começam a se puxar para soltar da parede e, tenho certeza, aquilo doía muito, pois os cabelos estavam bem presos na parede e eles faziam um esforço enorme para se livrar daquele lugar, que chamei de “prisão”.

Eles se puxavam e, ao fazer força, parte de seus cabelos ficava grudado na parede, até que conseguiam se soltar totalmente. Dessa experiência só me recordo até aqui, trecho suficiente para eu ficar com desejo de ver mais aquele tipo de arte e de tecer algumas percepções a respeito.

No momento dessa experiência, apesar do choque, desenvolvi certas inquietações a respeito da arte contemporânea: aquela arte não tinha um lugar na escola, faço essa afirmação através da minha formação no ensino fundamental e médio, como também, nas experiências de ensino nas escolas, campo de estágio, durante a graduação e nas escolas em que lecionei.

¹² Recordo-me que era um grupo de teatro de Minas Gerais.

¹³ Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães – MAMAM foi criado em 24 de julho de 1997 a partir de um ato do Prefeito do Recife, que concedeu o estatuto de Museu à antiga Galeria Metropolitana de Arte Aloísio Magalhães, homenageando o artista plástico, designer e ativista cultural pernambucano.

Diante de tal experiência fiquei curiosa em conhecer mais a fundo esse mundo da arte até então desconhecido por mim. Apesar de ter me causado um choque inicial, estava teoricamente preparada, já que no curso de Pedagogia em que estudei, a professora de arte proporcionava às turmas experiências teórico-práticas com a arte. Hoje minha curiosidade vai além do olhar a arte, tenho desejo também de ver, compreender e problematizar.

Depois dessa experiência vieram várias outras, e com elas o encantamento por estudar arte e educação. Fato de grande relevância, que intensifica o objetivo de aprender mais nessa oportunidade de pesquisa no mestrado, bem como aprender sobre esse tema que me encantou na graduação, e que, acredito, vá reverberar por toda minha carreira profissional.

Assim entendo que a arte conversa com outros segmentos, e não somente com ela em si. Neste sentido, a arte deixa de ser apenas uma técnica e passa a ser produtora de um conhecimento mais global pela própria necessidade universal de se discutir questões que envolvem economia, política e educação nas sociedades atuais.

A exemplo disto, temos a 8ª Bienal do MERCOSUL¹⁴, realizada em 2011 entre os meses de setembro a novembro. Como mais uma experiência, a Bienal oportunizou minha participação como mediadora após ser selecionada e fazer o *Curso de Formação de Mediadores*. O curso teve duas modalidades, presencial e EAD. Fiz à distância, pois o presencial aconteceu em Porto Alegre e ficaria difícil me ausentar de Santa Maria na época, por ocasião do mestrado.

Seu tema geral foi as *geopoéticas*, que traz forte em sua composição as questões políticas, mais especificamente aquelas que envolvem as fronteiras rio-grandenses.

Quero dizer com isso — de acordo com a leitura que faço desse evento a partir dos trabalhos dos artistas expositores da Bienal — que as fronteiras são como a arte discutida aqui. Não é possível saber, senão pela política, onde se inicia um lugar e onde outro termina.

¹⁴ A Bienal do MERCOSUL é uma mostra internacional de arte contemporânea que acontece a cada dois anos em Porto Alegre - RS. Sua primeira edição ocorreu em 1997. Promovida pela Fundação Bienal de Artes Visuais do MERCOSUL, transformou o Brasil em referência internacional nas artes visuais. Além de promover a integração dos países que fazem parte do Mercosul, através da arte, e promover a arte latino-americana como um todo, a Bienal oportuniza o acesso à cultura e à arte a milhares de pessoas.

2. Experiência: objeto de pesquisa



Figura 02 – Fotografia da autora da pesquisa (2007) Fonte: arquivo pessoal

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar mais devagar: pensar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p.24)

Experiência foi o termo-conceito que permeou os momentos fundamentais de minha formação acadêmica como, por exemplo, meu encantamento pela arte na educação, através de vivências durante a graduação em Pedagogia.

Alguns desses momentos já foram relatados, e adiante incluo mais desses relatos. Portanto, nessa pesquisa, tomo a experiência como objeto de estudo.

Transitamos num momento histórico em que os conhecimentos estão se transformando muito rapidamente, sem muitas vezes percebemos tal dinamismo. Pode-se dizer que estamos em um mundo de ações práticas, que requerem pouco tempo para se pensar sobre o que fazemos e o que fazem de nós.

Isso recai sobre os modos de vida que assumimos diante das necessidades de sermos rápidos e produtivos, Bauman (2005) nos ajuda a pensar sobre esse modo de vida que consumimos e que nos consome. Ele utiliza a metáfora da ‘vida líquida’

A vida líquida é uma vida de consumo. Projeta o mundo e todos os seus fragmentos animados e inanimados como objetos de consumo, ou seja, objetos que perdem a utilidade (e, portanto o viço, a atração, o poder de sedução e o valor) enquanto são usados. Molda o julgamento e a avaliação de todos os fragmentos animados e inanimados do mundo segundo o padrão dos objetos de consumo (BAUMAN, 2005, p.16-17).

Os objetos que “manuseamos”, seguindo a metáfora do autor, perdem seu brilho não só pela rapidez, mas também pela importância que lhes atribuímos. Acredito que cada objeto terá seu valor individual, e isso definirá seu tempo de duração.

Esta dissertação, por exemplo, não penso que finaliza aqui, mas de acordo com meus objetivos de vida profissional, ela continuará sendo produtiva por um bom tempo. Acredito que cada coisa tem seu tempo de acordo com o valor que lhe atribuímos. Algumas perdem o viço mais cedo, outras se demoram um pouco mais.

O eu se constitui temporalmente para si mesmo na unidade de uma história. Por isso, o tempo no qual se constitui a subjetividade é tempo narrado. É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo. (LARROSA, 1994, p. 31)

Minhas histórias levaram-me a encontrar com meus objetivos. Sendo assim, nessa pesquisa, um de meus métodos de coleta de dados foi ouvir as histórias que chamei de experiências das professoras que participaram da pesquisa.

Além de “experiência”, discuto também acerca das palavras “experimento” e “informação” e para fundamentar as considerações aqui expressas, anuncio Larrosa (2002). Pensar é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Assim, Larrosa (2002) propõe pensar a Educação a partir do par *experiência/sentido*.

A experiência produz o sentido, cria realidades, e é a partir dela que pensamos, dialogamos e atribuímos significados ao que nos acontece. No sentido de construção de significados, diferencio experiência de experimento, para entender o sentido do que cada uma traz para sua área de conhecimento:

A ciência moderna, a que se inicia em Bacon e alcança sua formulação mais elaborada em Descartes, desconfia da experiência. E trata de convertê-la em um elemento do *método*, isto é, do caminho seguro da ciência. (LARROSA, 2002, p.28).

A ciência moderna reverte a experiência em experimento científico, atribuindo-lhe outro significado, o que se configura como simplesmente *um acúmulo de verdades objetivas e progressivas*, Larrosa (2002). O experimento é preditível, previsível, genérico e repetível; já a experiência é incerta, singular e irrepetível.

Enquanto o experimento é acúmulo de verdades em seus resultados e significados, a experiência (re)constrói os seus significados, dando substancial sentido a cada momento na construção de conhecimentos. Pude constatar essa linha interpretativa enquanto realizava a pesquisa de campo.

Cada encontro, cada diálogo com o grupo de professoras trazia-me um movimentar de ideias e pensamentos que me faziam vibrar com cada letra que conseguia adicionar à pesquisa, que também nomeio de experiência. A experiência é individual, acontece em cada pessoa separadamente.

Instigava-me ouvir as professoras, pois ao mesmo tempo em que mergulhava no material empírico sentia a necessidade de conhecer mais cada particularidade.

Ao analisar a experiência de si, o objetivo é analisar, não os comportamentos, nem as ideias, não as sociedades, nem suas "ideologias", mas as problematizações através das quais o ser se dá como podendo e devendo ser pensado, e as práticas a partir das quais essas problematizações se formam. (LARROSA, 1994, p18).

Assim como a experiência, a informação está em nosso convívio diário, porém com uma diferença: a informação não resiste por muito tempo em nós, pois sua forma é passageira, rasa. Não deixa de ser relevante por ser passageira, porque no contexto de um mundo em que os acontecimentos pedem agilidade, ela faz-se coerente, mas não se demora, e isso a difere da experiência.

É comum termos informação e experiência como sinônimos na linguagem coloquial, essa concepção aborda o que pode ser entendido como experiência, porque a informação se dissolve com o surgimento de outras e mais outras, e essa fica então esquecida; ao contrário da experiência, que traz significados, os quais perduram em nossas vivências por um tempo infinito, próprio e particular (LARROSA, 2002).

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece (LARROSA, 2002, p.27).

Nesse caso, há sentidos que divergem da experiência e informação. E diferenciá-las não significa instituir que estas devam estar separadas ou que uma é mais importante que outra. Pelo contrário, elas podem e devem andar de forma imbricada, pois vejo a informação como um contato inicial em que podemos elencar o que é ou não relevante para nossas experiências.

A experiência vai além da informação, o que a traduz como conhecimento, pois esse não se dilui no tempo, ao contrário, ele vai acrescentando mais ferramentas ao longo do caminho.

O sujeito bem informado, na sociedade contemporânea, é aquele atento às opiniões formadas, mesmo que construídas coloquialmente. Supostamente, é entendido que o sujeito da informação tenha opinião e esteja imerso em conhecimentos, pois ter opinião é, muitas vezes, decisivo nas relações pessoais e interpessoais.

Ao considerar a informação característica do sujeito pós-moderno, incluindo as relações sociais, políticas e econômicas, considera-se também que sua aprendizagem possa partir desse ponto: da informação.

Nesse contexto, os acontecimentos diários, se não forem balizados de forma proveitosa na procura de um amadurecimento das informações, ao invés de se configurarem como conhecimento/experiência, serão meras informações.

Ao filtrarmos essas informações, possibilitamos uma abertura para a experiência, porque ela não é algo que acontece sem deixar marcas. A experiência pede que percebamos o que nos afeta. E, diante disso, por um ato de interrupção, refletimos sobre o que nos coloca frente a algo que perdurará pelo menos por um período que nos seja produtivo de forma consciente. (LARROSA, 2002).

Na experiência existe o que não é instituído pelo outro, que é a experiência como conhecimento construído por cada indivíduo, quando realmente o toca, seja pela disponibilidade, pela abertura, pela receptividade e pela passividade, essa última no sentido de atenção, *paixão*, paciência e padecimento. A experiência passional revela o sujeito que não se diz pronto, inatingível. (LARROSA, 2002).

'ex-posto' (...) nossa maneira de 'ex-pormos' com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso, é incapaz de experiência aquele que se põe ou se opõe, ou se propõe, mas não se ex-põe. (LARROSA, 2002, p.25).

Expondo-me de maneira curiosa, surgiu a questão de como as professoras de artes visuais e também as pedagogas veem e se relacionam com a arte contemporânea, levando em consideração as especificidades de cada formação, no sentido de pensar de que forma esta relação é construída. É importante ressaltar que o estudo dessa experiência se dá na importância da relação com a arte para a formação docente.

Com o caminhar da pesquisa, das orientações, das leituras que realizava sobre o tema, bem como através da participação nas reuniões do grupo de pesquisa GEPAC¹⁵ fui desenvolvendo problematizações que me levaram a fazer o recorte e construir meu trabalho de pesquisa na arte contemporânea. Desta forma, encontrei também um meio possível para propor a experiência com as professoras participantes da pesquisa.

Nesse contexto, surge a pergunta problematizadora e articuladora das questões que emergiram no percurso dessa investigação: em relação à arte contemporânea, qual é a experiência das professoras de arte, participantes da pesquisa?

¹⁵ Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura, criado em 2006 em decorrência das pesquisas que vinham sendo desenvolvidas pelo grupo de professores pesquisadores de diferentes IES e os alunos membros. Grupo certificado pela instituição (UFSM) e cadastrado na base de dados do CNPq. O grupo é coordenado pela Prof^a Dr^a Marilda Oliveira de Oliveira do Centro de Educação/UFSM.

O caminho de chegada à questão de pesquisa foi construído com paciência e constante busca, pois como considera Costa:

O que funciona é exercitar a suspeição sobre a própria formação histórica que nos constituiu e constitui, e interrogá-las sobre se tudo o que dizemos é tudo o que pode ser dito, bem como se aquilo que vemos é tudo o que se pode ver (2004, p. 119).

Na procura pela pergunta mais adequada, entendi que a *paciência* é a peça fundamental na constituição de um problema de pesquisa; mas sabemos que falar em paciência em um curso que requer agilidade é pensar utopicamente. Contudo, é assim que acontece.

A paciência da qual fala Costa (2004) significa, ademais, estudo, pesquisa, escrita, conversar, perguntar-se. Neste movimentar, surge também o objeto de pesquisa, mas “precisa ser como que limpo de todas as teorizações” (COSTA, 2004, p.120). A experiência foi, nesta caminhada, o ponto articulador dos itens principais desse trabalho.

Então a experiência foi escolhida como objeto problematizador durante este trabalho. Experiência esta, em síntese, ligada à *travessia* e ao *perigo*, numa relação de novidade, porque está passando para outro lugar, espaço desconhecido e freqüentemente perigoso. E perigoso porque *experiência* pode ser entendida como tempo de jogar, sem medo de se ‘ex-por’. (LARROSSA, 2002).

A experiência é, assim, conhecimento; infinita, própria, inovadora, desafiadora e produtora de significados, permite dar um sentido individual mesmo sendo construída em ambientes coletivos. “A experiência é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’” (LARROSA, 2002, p.28).

Ao considerar a formação acadêmica das professoras (três pedagogas e uma professora de artes visuais), e as especificidades de cada uma dessas áreas, tive como proposta uma aproximação dessas profissionais com a arte contemporânea.

Para identificar as professoras participantes denominei-as:

P¹⁶. 1- tem formação em Pedagogia pela UFSM, três anos de profissão. Professora da rede municipal de ensino de Santa Maria, trabalha com Educação Infantil e é tutora da EAD – UFSM.

¹⁶ Professora.

P.2 - formada em Pedagogia pela UFSM, dois anos de profissão. Professora da rede municipal de ensino de Santa Maria.

P. 3 – formada em Educação Artística na década de 80, é professora da rede particular de ensino de Santa Maria.

P. 4 – formada em Pedagogia pela UFSM, três anos de profissão.

Após entrar em contato com elas, via visita nas escolas e e-mail para firmarmos um dia e horário para encontro, devido à disponibilidade de cada professora participante, fechei o grupo com quatro. O dia ficou sendo a quarta-feira e o horário às 17horas, com a frequência de um encontro por mês. Como objetivo geral, propus uma aproximação com a arte contemporânea nos encontros realizados com as professoras.

Os Estudos Culturais permitem que circulemos nos temas que envolvam a Arte hoje de forma a refletir com um olhar questionador, entrelaçando conhecimentos. Conhecimentos esses, no caso da pesquisa, relacionados à produção artística, à arte, à educação, à filosofia e à poesia, que percebo tão presentes na produção contemporânea. Pude evidenciar de forma mais direta esses conhecimentos e a poesia quando participei como mediadora na 8ª Bienal do MERCOSUL.

A Bienal veio em um momento oportuno para pesquisa e me proporcionou um contato real com os artistas participantes, seus trabalhos, os curadores, a produção, com os colegas mediadores, a imprensa, os coordenadores, os patrocinadores e o público que, a cada mediação, uma experiência diferente me encantava.

Nesse sentido, percebo uma associação dos Estudos Culturais com a arte contemporânea, baseada ainda na autora Cauquelin (2005), que discute uma arte de conexão com relação ao processo de criação.

Nesse contexto, por sua proposta de arte contemporânea situada no modelo circular em rede, associada a minha experiência na Bienal, entendo que não há mais uma separação entre as linguagens artísticas. Um trabalho que retrata essa conexão das linguagens, por exemplo, é o vídeo do artista Cao Guimarães¹⁷, “Limbo¹⁸” (2011). Trata-se

¹⁷ Artista brasileiro, vive em Belo Horizonte/MG. Expôs na 8ª Bienal do MERCOSUL na mostra *Além Fronteiras* sob a curadoria de Aracy Amaral

¹⁸ Produzido com exclusividade para a Bienal.

de um vídeo com áudio, de 20' 30", produzido com fotografias, pequenas capturas de imagens da realidade das regiões dos pampas gaúchos.

As vanguardas se dissolvem no momento da produção da arte contemporânea; produtores, intermediários e consumidores não são mais identificados em separado, mas são encontrados num todo, numa rede de conhecimentos, produção e estética.

Para contextualizar o tema — arte contemporânea — temos que ela se apresenta hoje com linguagens e conceitos interligados, o que faz sentido dizer que os profissionais dessa área e aqui nesta pesquisa experenciam todos os dias essa dinâmica entre educação e arte, como as professoras de educação infantil e ensino fundamental que estão em atividade. No diálogo sobre a arte contemporânea, abordo o que seja contemporâneo segundo Danto, (2006, p.15),

(...) o contemporâneo é, de determinada perspectiva, um período de desordem informativa, uma condição de perfeita entropia estética. Mas é também um período de impecável liberdade estética. Hoje não há mais qualquer limite histórico.

Ane Cauquelin afirma que na arte contemporânea:

Não há origem nem fim, é um círculo. As operações que se desenrolam no interior de uma rede têm a ver com propriedades da rede, não com a vontade do artista. Cada ponto de rede está ligado aos outros, cada interveniente pode estar em toda parte ao mesmo tempo (2005, p, 100).

As linguagens estão interligadas: conversam, perpassam, voltam. Este modelo não linear de arte vem substituir um modelo linear, cujas linguagens e práticas tinham um lugar definido, ou melhor, um lugar pré-definido para cada atividade da arte.

Esse movimento é característico do sujeito contemporâneo e, como pondera Cauquelin: “Ser contemporâneo, então, é seguir esse movimento, é não permanecer em uma atitude fixa”¹⁹.

¹⁹ Trecho de entrevista, com Anne Cauquelin, concedida à fundação Iberê Camargo em outubro de 2010. Disponível em: <http://www.iberecamargo.org.br/site/revista-lugares/revista-lugares-entrevistas-detalle.aspx?id=827>

3. Estudos Culturais: uma percepção



Figura 03 – Fotografia da autora da pesquisa (2010) Fonte: arquivo pessoal

Estudos Culturais caracterizam-se por não ser e não querer ser um campo homogêneo e disciplinar. Mas não é só isso, “os Estudos Culturais [também] não são simplesmente interdisciplinares; eles são freqüentemente, como outros têm dito, ativa e agressivamente anti-disciplinares – uma característica que, mais ou menos, assegura uma relação permanente desconfortável com as disciplinas acadêmicas. (VEIGA-NETO, 2004, p. 39)

A imagem é fruto de uma viagem de estudos.²⁰ Ao ver a árvore e suas raízes, galhos e tronco remeti-me ao que estava estudando sobre os Estudos Culturais, ou seja, um território em que vejo inúmeras possibilidades de conexão com vários campos do conhecimento. Essas ramificações me trouxeram na construção do trabalho um fio condutor que interligou a experiência pessoal e o conhecimento acadêmico.

Apesar dos estudos permitirem uma abertura para inúmeras possibilidades/formas de fazer pesquisa, não significa que se possa abandonar as regras necessárias para construção de qualquer trabalho acadêmico.

Pensei a interação em relação aos Estudos Culturais e à Arte Contemporânea como diálogos possíveis, e ao mesmo tempo, flexíveis de modificações e adequações tão necessárias quanto contemporâneas.

Essa atitude assemelha-se ao que Bauman (1998) nomeou de *mal estar da pós-modernidade*, “já não há ‘para frente’ ou ‘para trás’; o que conta é exatamente a habilidade de se mover e não ficar parado”. Atitude esta que julgo ser ousada, porém, é o caminho adequado para se fazer as articulações e se chegar às questões mais relevantes deste trabalho.

Fazer parte de um mundo pós-moderno coloca-nos num processo dinâmico de apropriação de experiências. Esse processo tem um aspecto de dinâmica de (re)construção, de (re)significação de pessoas, tempos e espaços, no qual não há mais como pensar em sociedades ou comunidades isoladas nesse característico em que se insere. “O pós-modernismo não é um estilo, mas é a copresença tumultuada de todos os estilos (...)”. (CANCLINI, 1998, p.329).

Ao entender a arte contemporânea como um processo, torna-se parte de sua constituição as perguntas e os sentimentos que temos em relação a ela. Buscando mais

²⁰ 20º CONFAEB (Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil) realizado em Goiânia, nos dias 24, 25, 26 e 27 de nov/2010.

uma conexão com a arte contemporânea, o sentido pode estar no que entendemos como o momento exato em que a vivenciamos.

Como, por exemplo, na Bienal do MERCOSUL, a primeira vez que me deparei com o trabalho de José Alejandro Restrepo²¹: *Exorcismo 2006. vídeoinstalação. Santo de gesso e vídeo*. Naquele momento senti, na sala em que estava exposto o trabalho do artista, um cheiro forte que parecia enxofre, no entanto fiz uma enquete para saber se as pessoas que ali circulavam também sentiam o cheiro. A maioria dizia não sentir.

Concluí que aquele cheiro foi um elemento que de forma subjetiva senti, atribuindo um sentido particular ao trabalho. O cheiro, para mim, tornava mais real observar aquele *vídeoinstalação*.

A arte nos dias atuais é assim, encontra sua definição de acordo com o contexto em que se dispõe, (BAUMAN, 1998). O que é ou não arte, qual o sentido que ela expõe, para quem serve a arte — todas essas questões estão presentes na produção artística contemporânea.

Diante do exposto, em minha concepção, o conceito de arte hoje também pode ser composto do que cada pessoa ou objeto artístico diz dela, pois além de pensar plasticamente, possibilita ainda um pensar ampliado sobre a vida. Uma ampliação do que está presente no contexto, na política, na economia, nos sentidos, na existência, na razão e na intencionalidade. Entendo, assim, que nós atribuímos significado à arte a partir de nossos referenciais, do contexto do autor e do meu próprio contexto como observadora da arte.

Assim a arte pode ou não ter uma intencionalidade, uma razão, um contexto ou, ainda, existir simplesmente. A arte sai do já institucionalizado, que é ter uma intenção, ter um sentido. (DANTO, 2006). Penso que ela parte de uma ideia, seja por parte de quem a produz, seja por parte de quem a observa.

Assim, as verdades não cabem mais na arte, cada objeto artístico detém sua especificidade, que o espectador, apreciador, curador, crítico ou consumidor, com seus valores íntimos e próprios, irão potencializar e valorizar de acordo com seus critérios. Ela pode ser “bela” ou “feia”, “boa” ou “ruim”. No mais, ela é livre. (DANTO, 2006).

Os Estudos Culturais aproximam-se desse caráter híbrido que mescla informações, experiências, arte e pós-modernidade.

²¹ Artista expositor da Bienal do MERCOSUL de 2011.

Tais estudos são caracterizados e marcados pela tensão que os constitui como campo de conhecimento. É este caráter, digamos de “suspense”, que move os estudos e pesquisas na área; caracteriza-se filosoficamente pelo campo questionador, que não acaba por descobrir e publicar verdades, mas que propõe mais problematizações a cada estudo realizado. (HALL, 2009).

Para Hall (2009), as dúvidas e dificuldades neste campo o fazem polissêmico, sendo, deste modo, contrário às formas inexoráveis de estudo e pesquisas que buscam respostas e aplicações de modelos e normas prevendo um trabalho edificante.

Os Estudos Culturais buscam, por meio da cultura, promover discussões que possam movimentar problemáticas não inseridas no topo hierárquico das questões políticas, sociais e econômicas de um povo. Em Hall:

A concepção de cultura é, em si mesma, socializada e democratizada. Não consiste mais na soma de o “melhor que foi pensado e dito”, considerados como os ápices de uma civilização plenamente realizada – aquele ideal de perfeição para o qual, num sentido antigo, todos aspiravam. (2009, p.126).

Neste entendimento, pode-se atribuir um sentido de experiência, o que, para este trabalho, faz-se relevante às questões de cultura de forma democratizada.

Centrar nossas análises nos fenômenos culturais não implica reduzir tudo a cultura; significa, sim, assumir que a cultura é umas das condições constitutivas de existência de toda prática social tem uma dimensão cultural. (VEIGA-NETO, 2004, p.53).

Então, a experiência apresenta-se como uma categoria de análise cultural emergente. “Na ‘experiência’ todas as práticas se entrecruzam (...)”. (HALL, 2009, p.134).

Hall (2009) afirma que este *projeto intelectual*, termo usado para definir Estudos Culturais na atualidade, apesar de seu caráter de abertura para possíveis teorizações, “é importante chegar a uma definição dos Estudos Culturais; não podem consistir apenas em qualquer reivindicação que marcha sob uma bandeira particular”. (HALL, 2009, p.189).

O projeto dos Estudos Culturais é marcado por várias correntes teóricas que objetivam definir a área e encontrar um conceito definitivo, mas que ainda não chegou a tal definição pelo fato de terem ocorrido equívocos durante seus poucos anos de estudo. (HALL, 2009).

A título de exemplo, a vertente marxista que em alguns momentos apresenta-se como fundadora dos Estudos Culturais é, para o autor, uma afirmação totalmente equivocada.

Como projeto, estes estudos permitem um caráter político de pesquisa e estudos essenciais às discussões acerca de problemas sociais. “Os Estudos Culturais permitem que essas questões se irrite, se perturbem e se incomodem reciprocamente, sem insistir numa clausura teórica final”. (HALL, 2009, p. 200).

Esta é a base dos Estudos Culturais, que pode ser atrelada ao caráter questionador de um trabalho de pesquisa acadêmico, ao qual pretendo dar vazão às abordagens que possam contribuir com questões acerca da educação.

Diante de um objeto de arte é possível observar um contexto, uma política, como pontos a serem envolvidos numa trama mais próxima com a educação contemporânea que temos. Na BIENAL, onde participei como mediadora da mostra *Além Fronteiras*²² pude observar, questionar, refletir e argumentar sobre vários objetos artísticos e seus temas. Constatei que existe uma quantidade enorme de artistas, de temas, de pessoas e setores envolvidos na produção artística contemporânea. Percebendo isso, pondero que a arte contemporânea é infinita em sua extensão, móvel e democrática, perpassada por vários segmentos do conhecimento.

Em muitos momentos dessa experiência pude fazer diálogos com temas que diretamente estão ligados aos Estudos Culturais. Pude perceber ainda que se conecta à filosofia de uma pesquisa que está o tempo todo se questionando. Encontro em Hall respaldo para tanto:

(...) penso que qualquer pessoa que se envolva seriamente nos Estudos Culturais como prática intelectual deve sentir, na pele, sua transitoriedade, sua insubstancialidade, o pouco que consegue registrar, o pouco que alcançamos mudar ou incentivar à ação. Se você não sente isso como uma tensão no trabalho que produz é porque a teoria o deixou em paz (2009, p.200).

Essa perspectiva teórica contemporânea possibilita uma leitura de ideias acerca da cultura, em um movimento de descentralização e de concepções tidas como únicas e fixas.

Os Estudos Culturais “são saberes nômades, que migram de uma disciplina para outra, de uma cultura para outra, que percorrem países, grupos, práticas, tradições,

²² Mostra Além Fronteiras MARGS – Museu de Arte do Rio Grande do Sul - Praça da Alfândega, s/n – Centro. Esta mostra traz uma visão crítica da paisagem do sul do Brasil seguindo três eixos culturais: a carne (do gado ao prato), a paisagem (o pampa) e as missões (abordando as questões indígena, jesuítica e arquitetônica). A exposição inclui obras de acervos locais como mapas, pinturas, fotografias, livros, objetos, documentos de viagens exploratórias e arte popular, estabelecendo uma relação com artistas contemporâneos, que conceberam suas obras a partir de viagens de pesquisa realizadas em todo o Estado.

cartografias consagradas que tem ordenado a produção do pensamento humano” (COSTA, 2004, p. 13).

Assumi esse campo teórico sob a ótica do movimento circular de conhecimentos, e foi nessa orientação que esses estudos contribuíram principalmente para o processo de constituição desta pesquisa.

Bauman (2007) se movimenta pelo efêmero arsenal de acontecimentos e conhecimentos, em que as coisas vêm e vão num “pisar de olhos”. “Cochilar” é vacilar, pois cochilar significa deixar escapar a vida que se passa diante dos olhos, não se pode esperar, não há tempo para pausa (BAUMAN, 2007, p. 07). Situo essa discussão na pesquisa.

São colocadas em discussão as identidades produzidas nos momentos de intensa rapidez de acontecimentos, experiências e informações em que estamos inseridos. Em consequência dessa agilidade, digamos assim, não é mais coerente definir-se em uma única identidade.

Estamos nos constituindo como diferentes, renascendo várias vezes em modos de ser e de agir. Isto nos faz incompletos, complexos, independentes de definições e selos. “Afim, a ‘identidade’ tal como costumavam ser a reencarnação e a ressurreição dos velhos tempos se refere à possibilidade de ‘renascer’, de deixar de ser o que é para se transformar em alguém que não é” (BAUMAN, 2007, p.15-16). Isso em uma época em que é permitido questionar sobre o que é posto e imposto com o pensamento da não verdade absoluta, no qual não se admite a verdade ou a mentira, o certo ou o errado, o feio ou o bonito, o branco ou o preto.

Na sociedade em que estamos inseridos, todo momento alimentamos uma ação e reação à cultura do consumo; consumimos e somos consumidos por um mundo que ao mesmo tempo é moderno e pós-moderno. “Apesar de não haver mais nitidamente o pensamento cartesiano, ninguém pode deixar de ser um objeto de consumo” (BAUMAN, 2007, p.18). Deixamos de ser o consumidor dos objetos e passamos a ser objetos de consumo. Talvez já fôssemos e não percebêssemos.

A metáfora de Bauman sobre a vida líquida diz que “A vida líquida significa constante auto-exame, autocrítica e autocensura. A vida líquida alimenta a insatisfação do eu *consigo mesmo*” (grifo do autor) (BAUMAN, 2007, p.19).

Apesar da busca por respostas, o objetivo deste trabalho não é instituir verdades, mas colocar em discussão quais são as impressões das professoras acerca da arte contemporânea.

A abertura encontrada nas formas pós-modernas de se viver desestabiliza concepções que separam o conhecimento acadêmico em caixinhas pré-moldadas, em definições distintas, em interesses de classes que visam “progressos”, com intenções de hegemonizar o pensamento de um povo.

Com a possibilidade de abertura atraída pela pós-modernidade é possível pensar outros lugares passíveis de conhecimento. A arte contemporânea, nesse contexto, insere-se de forma mais consistente na educação, e não é apenas um conhecimento em si, mas amplia sua atuação para outras áreas do conhecimento.

Os espaços de conhecimentos também não são mais isolados. É nítida que esta percepção se ampliou, porém ainda não se pode visualizar com assiduidade os espaços em que a educação acontece.

Os Estudos Culturais discutem, ainda, uma educação com as fissuras que decorrem das necessidades que encontramos no meio educacional. Essa discussão, que mescla educação e arte, tenciona uma problematização acerca dos limites que foram e que em certos momentos e lugares ainda são compartimentados para que esses limites ocupem um lugar de integração, iniciando, assim, um movimento que dá visibilidade às artes possíveis de comunicar, no geral. (HALL, 1997).

4. O compartilhar da pesquisa...

A pesquisa de campo ficou dividida em duas etapas: a primeira foi realizada no segundo semestre de 2010 e a segunda no primeiro semestre de 2011. Esta divisão se deu pela necessidade de fazer uma primeira incursão com o grupo participante, antes mesmo da qualificação do projeto, que me serviu, a priori, para a familiarização com as professoras participantes da pesquisa. Após a qualificação, inseri os dados já obtidos anteriormente e assim pude planejar os próximos encontros da pesquisa.

Através de professores e colegas de curso, cheguei a alguns contatos com as professoras participantes da pesquisa. Com esses contatos me comuniquei com as pessoas sugeridas via telefone e e-mail. Assim pude agendar uma visita às escolas onde as professoras trabalhavam, com vistas a formar um grupo de professoras para realização do trabalho. A visita ocorreu no dia 29 de setembro de 2010.

Foram duas escolas visitadas para uma apresentação, de minha parte, às direções e às professoras contatas de forma antecipada. Neste momento, munida de uma carta de apresentação assinada por meu orientador, me apresentei como aluna pesquisadora da UFSM às direções de cada uma das escolas, e em seguida pude conversar com as professoras.

Assim, na conversa com as professoras, expus minha intenção pela participação delas na pesquisa com vistas a dialogar sobre arte contemporânea; no momento em que falei sobre arte elas se empolgaram para falar sobre o assunto, porque já trabalhavam com a disciplina de artes em suas respectivas escolas. A pesquisa, segundo elas, serviria como uma possibilidade de conhecer mais o que se está produzindo em arte e assim atualizarem-se em relação ao tema.

Expus ainda que a participação delas não teria de forma alguma o objetivo de avaliar, mas sim de fazer um trabalho em conjunto, que ao final nos possibilitaria aprender juntas. Esta inserção as motivou, e em consequência, a mim também, pois perceber a disponibilidade de pessoas para participar de sua pesquisa é simplesmente animador.

Em seguida, solicitei a elas que relatassem um pouco de suas vivências com a arte nos seus ambientes de trabalho, como também qual era o tratamento dado à disciplina por parte dos alunos. A iniciativa de fazê-las falar serviu de estratégia para aproximar-nos, deixando-as mais à vontade para participarem.

Eu me interessou em participar da tua pesquisa porque é um tema que quero trabalhar; como na minha formação não foi trabalhado de forma aprofundada, porque nosso curso tinha umas disciplinas, foi muito pouco, hoje eu sinto falta de ter essa preparação para ter segurança nas atividades de arte e passar para os alunos. Eu já tenho 20 anos de profissão, e aí imagina, naquela época os cursos de pedagogia não tinham nada de arte. Lembro que fiz uma oficina na universidade, mas há muito tempo. Participo da pesquisa, mas não entendo de arte, não sei desenhar nem uma flor! (P.3)

Neste parágrafo é possível observar a ideia que se tem a respeito da disciplina de arte, ou seja, quando se abre uma discussão vem em mente a associação com o desenho. Pode-se dizer que a visão do trabalho com a disciplina na escola ainda é limitada e acredito que deva um pouco à valorização mínima dada a essa área de conhecimento.

Quanto tu me ligou e antes, né, eu falei com uma amiga que contou que tu estava precisando de pessoas para fazer parte de uma pesquisa e aí eu perguntei sobre o que seria, minha amiga falou que o tema era arte contemporânea. Falei para ela que participaria porque é um meio de aprendizagem. Eu tenho vontade de trabalhar com arte e assim, né, já trabalho algumas coisas, mas é pouco, porque minha formação poderia ter sido mais aprofundada, como falou a colega [está se referindo à professora 3], apesar de ter me formado há dois anos não tenho formação suficiente para me arriscar a fundo no trabalho com arte, mas tenho vontade de estudar. Falei com a diretora da escola e ela apoia nossa participação na pesquisa (P.1).

Não me sinto segura e nem tenho abertura para trabalhar com arte contemporânea, o que se agrava mais em se tratando da escola particular, em que ousar é por em risco o emprego. (P. 4).

É uma idéia comum que, em dado dispositivo, o vazio é um buraco. Há algo de negativo lá dentro, há uma falta (um buraco no caixote), um defeito de fabricação, um erro em algum lugar. Nesse caso, o vazio sempre sobrevém em um dispositivo que já está formado, e que o vazio vem interromper enviar, ou até mesmo aniquilar. Ele pode ser decorrência de uma falta de vigilância, de uma falha humana ou de um erro da natureza da degradação das coisas ou da deficiência de um sistema (o branco na memória). (CAUQUELIN, 2008, p.66-67)

Com base nas palavras de Cauquelin e a partir das falas das professoras, observei como naquele contexto é difícil levar a arte contemporânea para escola. É uma atitude desafiadora, que causa uma resistência tanto por parte da escola em si - quando se trata da abertura para inclusão deste conhecimento no currículo, quanto por parte das professoras, em relação à segurança delas para lidar com esse conhecimento, que a cada instante causa discussões nos espaços e momentos em que se manifesta.

Transcorridos quase sessenta minutos de visita, considerando-se que estavam em horário de aula, parti para finalização da visita ao solicitar que marcássemos alguns encontros na UFSM que poderiam ampliar nossa conversa sobre o tema abordado.

Então ficou certo que o horário que possibilitaria a presença de todas seria nas quartas-feiras no final da tarde, das 17h às 18h, tendo como local de encontro inicialmente o LAV²³. Ficamos acertadas que os próximos encontros aconteceriam nos dias 17 de novembro e 14 de dezembro de 2010.

Por motivos éticos não divulgarei a identidade das professoras, então as nomeei assim: Professora – 1, formada em Pedagogia pela UFSM, com quatro anos de experiência, atualmente é professora da Educação Infantil, na rede municipal de ensino de Santa Maria-RS; Professora – 2, Formada em Pedagogia pela UNIFRA²⁴, com vinte anos de profissão, atualmente é professora da Educação Infantil da rede municipal de ensino de Santa Maria-RS; Professora – 3, Formada em Educação Artística, pela UFSM, na década de 80, atualmente é professora das séries final do ensino fundamental, na rede

²³ Laboratório de Artes Visuais, localizado no Centro de Educação da UFSM, coordenado pela professora Marilda Oliveira de Oliveira.

²⁴ Centro Universitário Franciscano.

particular de ensino de Santa Maria-RS; Professora – 4, Pedagoga, formada pela UFSM, é professora da educação Infantil na rede particular de ensino de Santa Maria.

1º. Encontro:

Aconteceu no dia 17 de novembro de 2010, no Laboratório de Artes Visuais (LAV) do Centro de Educação da UFSM. Neste dia fiz uma exposição do projeto para o grupo de quatro professoras que ali se encontravam.

Para este encontro preparei *slides* de apresentação do projeto de pesquisa que continham os objetivos, a metodologia, o referencial teórico e os autores estudados. Para o registro dos encontros utilizei meu diário de campo.

Ao finalizar a apresentação do projeto, pedi que as professoras participantes colocassem suas impressões a respeito do exposto. Assim foi que se deu continuidade ao encontro:

Como eu falei naquele dia que tu foi à escola, é um tema que me interessa, mas sabemos que a arte não é valorizada na escola. Nós temos um programa para seguir em arte; tu ver que não está ali como prioridade e que muitas vezes o pouco que tem no programa para ser trabalho às vezes tem que ser deixado de fora, quando não dá tempo de cumprir todo o programa a arte é a primeira a ser retirada, porque a escola diz que não é importante. Eu como professora da educação infantil sei que é importante trabalhar arte (P.3).

Nossos alunos precisam ter contato com arte. Penso que esta pode ser uma grande oportunidade de exercitarmos a criticidade dos alunos, de fazer com que os mesmos demonstrem sua opinião e seus pensamentos, relacionando a arte com suas ações e vivências cotidianas.

Desde a etapa de educação infantil até os anos iniciais, nossas crianças estudantes podem e devem realizar releituras sobre arte, devem aprender sobre a história da mesma e criar seus próprios trabalhos. Esta é uma temática que não necessita ter dia e hora marcados para ser trabalhada, e hoje extrapola a ideia retrógrada de muitos

educadores de apenas dar folhas para os alunos pintarem ou argila para que construam esculturas para presentear pais e mães.

A arte contemporânea nos permite mais do que apenas utilizá-la em datas comemorativas como forma de presentear entes queridos. E para que este pensamento seja sucumbido, vejo que é necessário que nossos educadores renovem suas práticas e passem a visualizar o grande leque de opções que a arte contemporânea pode nos oferecer como forma de trabalho (P.1).

Vale expor aqui que essa modalidade de experiência detectada na pesquisa, além de levar a fatos concretos, leva-nos também ao que não é dizível. Existia o “vazio”, um vazio que dizia ter algo em sua dimensão indizível. O “vazio” abre para um sem número de materiais de pesquisa, ele não é morto, apenas está à espera de um movimento que o desperte. (CAUQUELIN, 2008).

A formação inicial foi tema recorrente identificado por mim no momento dos encontros de pesquisa com o grupo participante. Esta recorrência me chamou a atenção e assim destaquei como relevante para o levantamento dos dados.

Questões relacionadas ao processo formativo, no primeiro momento dessa pesquisa foram muito discutidas durante os encontros. Tema este que, em se tratando de educadoras, em algum momento iria aparecer, tendo em vista que o objetivo foi problematizar as experiências das professoras de arte e das pedagogas com a arte contemporânea.

2º encontro:

Foi realizado na terça-feira, 14 de dezembro de 2010, na sala 3279 A, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria – RS. Este encontro do semestre foi dinamizado por atividades mais específicas, com o objetivo de colher dados mais diretos em relação ao objetivo da pesquisa.

Nesse encontro, a dinâmica proposta foi a seguinte: a partir de um objeto (levado por cada uma delas), dever-se-ia fazer exposição verbal ou qualquer outra forma de

apresentar as experiências vivenciadas com arte contemporânea. Mas, para minha surpresa elas não levaram o objeto e justificaram que não dispunham de um material que julgassem ser arte. Então relataram escrevendo e verbalizando.

O objetivo dessa proposta era possibilitar mais abertura para que as professoras, ao sentirem-se à vontade para participar, pudessem me levar além de suas narrativas, e também trouxessem elementos que mostrassem quais seus interesses na pesquisa.

À medida que narravam, muitos comentários eram feitos, e assim dinamizávamos a atividade, com o objetivo de, ao final do encontro, identificar as experiências com a arte contemporânea.

Meu contato com arte contemporânea não é muito antigo. Talvez até já tenha tido contato anterior aos nossos encontros, mas sem saber.

Hoje vejo a arte contemporânea como uma arte que representa a inclusão. Todas as vertentes da arte estão inseridas neste estilo, sendo as mesmas democráticas e livres.

Esculturas, pinturas abstratas, com objetos do cotidiano e até mesmo da natureza constroem obras, ou trabalhos conforme sugere a nomenclatura atual. E, concordo com a utilização do termo trabalho, pois como abordamos em nosso encontro, obras dão a ideia de algo intocável, inatingível. É como se quiséssemos saber o que o artista pensou no momento da concepção de tal obra.

Trabalhos nos remetem a algo que podemos interagir, dar nossa sugestão e aceitar as várias interpretações como corretas e aceitáveis. E trazendo os trabalhos para o meio educacional, há sim como trabalhar com a arte contemporânea em sala de aula. Há como trazer estes trabalhos para espaços formais de educação, desmitificando a ideia de que a arte deve ficar em museus.

Tenho apenas o receio de tentar dar uma conotação à arte que não lhe cabe. De tentar torná-la algo cotidiano, quando a mesma não pode ser. Mas mesmo assim, reitero minha opinião de que, com certo conhecimento sobre a arte contemporânea, é possível trazê-la para dentro da sala de aula e trabalhá-la com nossos educandos (P.1).

Minha experiência com a arte contemporânea é muito pequena, é de ver alguma coisa em museu, no youtube. Na escola não tive. Com música contemporânea nesse sentido, nesse rótulo só conheci na universidade. Nesse sentido de contemporâneo,

conheço um pouco, assim... Mas nunca fui adepta a estar estudando, a estar discutindo (P.2).

Tenho boas lembranças do contato com arte contemporânea durante minha vida. É difícil entender arte contemporânea, a apreensão depende da intenção artística do autor, da interpretação do expectador, da interação público/obra/autor. Outra oportunidade de contato com arte contemporânea foram espetáculos teatrais e performances ao ar livre que tive contato com artes cênicas, bem recentes. Espetáculos singulares que nos faziam pensar uma nova realidade, ou, posso dizer, uma reinterpretação do que vivemos, de forma que nosso cotidiano pudesse tomar uma nova dimensão, uma nova apreensão proporcionada por nosso encontro com a arte contemporânea (P.4).

Esses relatos podem ser entendidos como vozes que causam um movimento nas questões da escola ao adentrar no conhecimento da arte contemporânea, que podem ser pensados a partir da necessidade estampada nas falas das professoras.

O terceiro encontro foi com 3 (três) professoras. No dia, a professora 4 não pode comparecer por motivos pessoais. Vale ressaltar que para todas as propostas de encontros, o tempo total é de sessenta minutos, tempo estabelecido no primeiro encontro pelas professoras e por mim; devido ao fato de todas terem tarefas a cumprir, não foi possível fazer encontros extensos.

Ao continuar e persistir na aventura da pesquisa, eu entendi que os desencontros, assim como os encontros e as dúvidas são saudáveis, pois é esse movimento que traz à tona problematizações proveitosas; desta feita, pesquisar é estar sempre questionando nossas certezas e incertezas.

Ao observar o material, sentia a participação das professoras com mais leveza na pesquisa. Aconteciam, assim, os encaixes e desencaixes do processo de construção desta pesquisa.

Tornava a refletir se as minhas impressões eram as mais pertinentes possíveis, ou melhor, se assemelham ao que ouvi e vivenciei junto às professoras. Claro, não podem ser as mesmas impressões. E isso quer dizer que pesquisar é aproximar a visão do mundo de outras pessoas a do pesquisador. Este é um dos riscos que se corre.

No exercício de relatar a pesquisa, além da visão dos participantes, existe a visão do pesquisador, bem como a impressão do leitor que interpreta o que o autor mostrou da pesquisa.

Assim, cabe ao pesquisador, em todo momento de constituição de seu trabalho, ter um olhar questionador a respeito do envolvimento de suas idéias. (DUARTE, 2008).

Com isso, as escolhas, e principalmente as dificuldades encontradas na organização do trabalho de campo, como, por exemplo, encontrar os colaboradores, marcar encontros, selecionar o material — até os encontros acontecerem, há uma tensão que só diminui com a realização de todas as etapas do trabalho. Quando não acontece o planejado, algo que ocorre quase sempre, essa tensão tende a diminuir ou mudar de direção, ou ainda, as tensões passam a ser outras.

3º encontro:

Neste encontro o planejamento teve o objetivo de pensar a formação das professoras com relação à arte contemporânea.

Elaborei a seguinte atividade:

Durante o encontro solicitei que elas me escrevessem sobre a formação de cada uma em relação à arte contemporânea:

Neste momento, como num *conto que puxa o outro*²⁵, minha conversa com as professoras aconteceu com base em suas escritas e cito aqui uma das escritas que me chamou mais atenção, por perceber que essas professoras apesar de não dominarem o tema abordado na pesquisa, relatam suas experiências visualizando a arte contemporânea.

O meu conhecimento em arte contemporânea é mínimo, diante da vasta produção e das múltiplas oportunidades que se apresentam e se apresentarão ao longo da minha vida. Como educadora estou disposta a tentar compreender de uma maneira mais efetiva esse universo, até para que eu possa ter uma relação mais íntima com ele e possa

²⁵ Referência ao livro de poesias “Um poema puxa o outro” da coleção Língua Portuguesa, Companhia das Letrinhas de Ricardo Azevedo José, Paulo Paes, Marcelo R. L. Oliveira, Ricardo da Cunha Lima, 1ª edição – 2002.

transformar essa experiência em conhecimento significativo em minha prática docente (P.4).

Essas vozes das professoras podem ser entendidas como: é possível fazer essa aproximação de forma mais empolgante e questionadora da escola com a arte contemporânea? Mais que isso, existe uma necessidade de inserção observada nas falas das professoras mesmo que seja para dialogar a ausência de algumas coisas.

A ausência permite pensar no que não é visto, como é o caso da arte na escola. O não encontro, o silêncio, o vazio nos diz ou quer dizer muito. Precisamos apenas estar atentos ao que atravessa este vazio, que acaba por remeter ao silêncio na arte contemporânea.

Na dinâmica expressa no processo de constituição da pesquisa, a linguagem assume papel significativo. A linguagem perpassa todo o processo de significância que possamos atribuir aos passos da pesquisa. A linguagem permite novos símbolos a serem estudados por via das conexões entre as artes. A linguagem ganha outro sentido (...) “a linguagem não faz a mediação entre o que vemos e o nosso pensamento, mas ela constitui o próprio pensamento e, assim, precede o que pensamos ver no mundo” (VEIGA-NETO, 2002, p.33).

A linguagem não se constitui apenas de um conjunto de palavras, ela também é produtora de realidade. Na Educação, a linguagem nas práticas escolares contemporâneas de educadores/as assume também o papel de articuladora de novas experiências, podendo mostrar uma mudança nas formas de pensar sobre o que já temos posto.

Em Hall (1997), a linguagem é central, e assim ela é comunicação, produtora de significados e realidades. Em consequência disso, e nisso instituída, e no caso dessa pesquisa, a linguagem pode ser vista como central nas relações com as experiências.

A preocupação analítica esteve voltada para as recorrências discursivas constituídas nas falas das professoras. A escolha por profissionais que estão atuando diretamente em sala de aula se baseou no foco desta pesquisa, seu caráter de movimento, na qual pesquisadora e professoras dão um sentido vital à pesquisa.

Nesse sentido, mais profundo do que apenas inserir trechos de falas das participantes da pesquisa, é vislumbrar um sentido de experiência pessoal e profissional; aquilo que está incluso: as emoções, os sentimentos, o significado do trabalho, tanto para

o autor quanto para os participantes, como também para o leitor que irá ou não se identificar com as questões abordadas, (COSTA, 2002).

Com vistas nisso, a ideia central é que elas pudessem trazer vivências, produções, pontos de vista, questionamentos acerca da arte contemporânea. Assim, parto para um trabalho de re/conhecimento da arte contemporânea. Mostrando ainda uma ligação com as realidades e identidades do que podemos definir como cotidiano nas práticas artísticas.

Além da dinâmica citada anteriormente, selecionei um poema para fazer a leitura junto às professoras e dar continuidade à proposta do encontro. Com a escolha de *O instante já*²⁶, de Clarice Lispector²⁷, tive a intenção de dialogar com as professoras sobre os momentos em que elas haviam experienciado arte contemporânea em sala de aula ou em qualquer outro lugar.

Ao ler o poema e refletir com relação ao meu trabalho, percebi aproximações com a pesquisa que me propus a realizar.

Estou tentando captar o

instante já,

Que de tão fugitivo não é mais,

Porque já se tornou um novo

instante.

Cada coisa tem um instante em

que ela é.

Eu quero apossar-me do é da

coisa.

Eu tenho um pouco de medo.

Medo ainda de me entregar,

²⁶ Poema utilizado pela professora Vitoria Amaral que foi professora da UFRPE, do curso de Pedagogia, para relatar sua experiência de lecionar disciplinas de arte em um curso de formação de professores para o Ensino Fundamental. Atualmente é professora vinculada à Universidade Federal de Pernambuco, na qual ministra aulas no curso de Licenciatura em Artes Visuais.

²⁷ Clarice Lispector foi uma escritora e jornalista brasileira, nascida na Ucrânia e naturalizada brasileira. (Água Viva, 1973)

Pois o próximo instante é

desconhecido...

Clarice Lispector (*Água Viva*, 1973)

Nesse momento da pesquisa, busquei *captar* o que daria sentido ao meu trabalho. Não era algo inovador, mas era *novo* até certo ponto, pois em se tratando de pesquisa, sempre temos uma inspiração em algo ou em alguém.

Apesar da angústia que se estabelecia em mim, percebia que cada *coisa* ia se instalando em seu lugar. Ia procurando seu *instante*. O *medo* também me cercava, medo pelo *desconhecido*. Foi então que meu *instante* foi se vestindo de uma roupa, que de início era tímida, mas que aos poucos foi se enchendo de cor.

A experiência só tem sentido quando está conectada ao conhecimento e às suas relações com o cotidiano.

De acordo com os depoimentos das professoras pedagogas, a formação delas carece de mais oportunidade de estudo no campo das artes; principalmente porque o curso de Pedagogia aborda vários conteúdos a serem vistos durante os quatro anos de graduação. Desta forma, não é possível aprofundar os conhecimentos das disciplinas, como no caso da arte, em particular.

Para mim ficou claro, nas conversas que tivemos tanto presenciais quanto virtuais, que as professoras encontraram, nos encontros proporcionados por minha pesquisa, um espaço de atualização e a oportunidade de diálogo sobre o ensino de arte atual.

No primeiro momento da pesquisa, segundo semestre de 2010, utilizei-me dos trabalhos do artista argentino Jorge Macchi. A presença dos trabalhos do artista nesta pesquisa oportuniza uma discussão delimitada das linguagens artísticas com as professoras para problematizar a arte contemporânea segundo as imagens de seus trabalhos.

Hibridez seria a característica dos trabalhos de Jorge Macchi. Os estudos sobre as *paisagens sonoras*²⁸ de Murray Schafer (1991) também se aproximam das características

²⁸ The World Soundscape Project, pesquisa realizada no início da década de 70, por Murray Schaffer (1991).

de Macchi. Schafer (1991) é compositor e dedica a maioria de seus trabalhos ao ensino de música na escola.

Suas paisagens sonoras surgem pelo incômodo com a poluição sonora de Vancouver, o que vem ao encontro dos trabalhos de Jorge Macchi, uma vez que esse também traz em suas construções artísticas objetos do cotidiano que pouco são observados.

Schafer (1991) problematiza questões de poluição sonora e leva para sala de aula atividades como limpeza de ouvidos, onde ele demonstra que podemos brincar com os sons e criar paisagens sonoras.

Em seguida apresento as análises de dois vídeos (*Streamline* e *Cajá de música*) do artista Jorge Machi, realizados durante o segundo semestre de 2010, e que é componente da pesquisa. Esses momentos iniciais trouxeram um teor empírico necessário para os caminhos da pesquisa.

4.2 O reencontro...

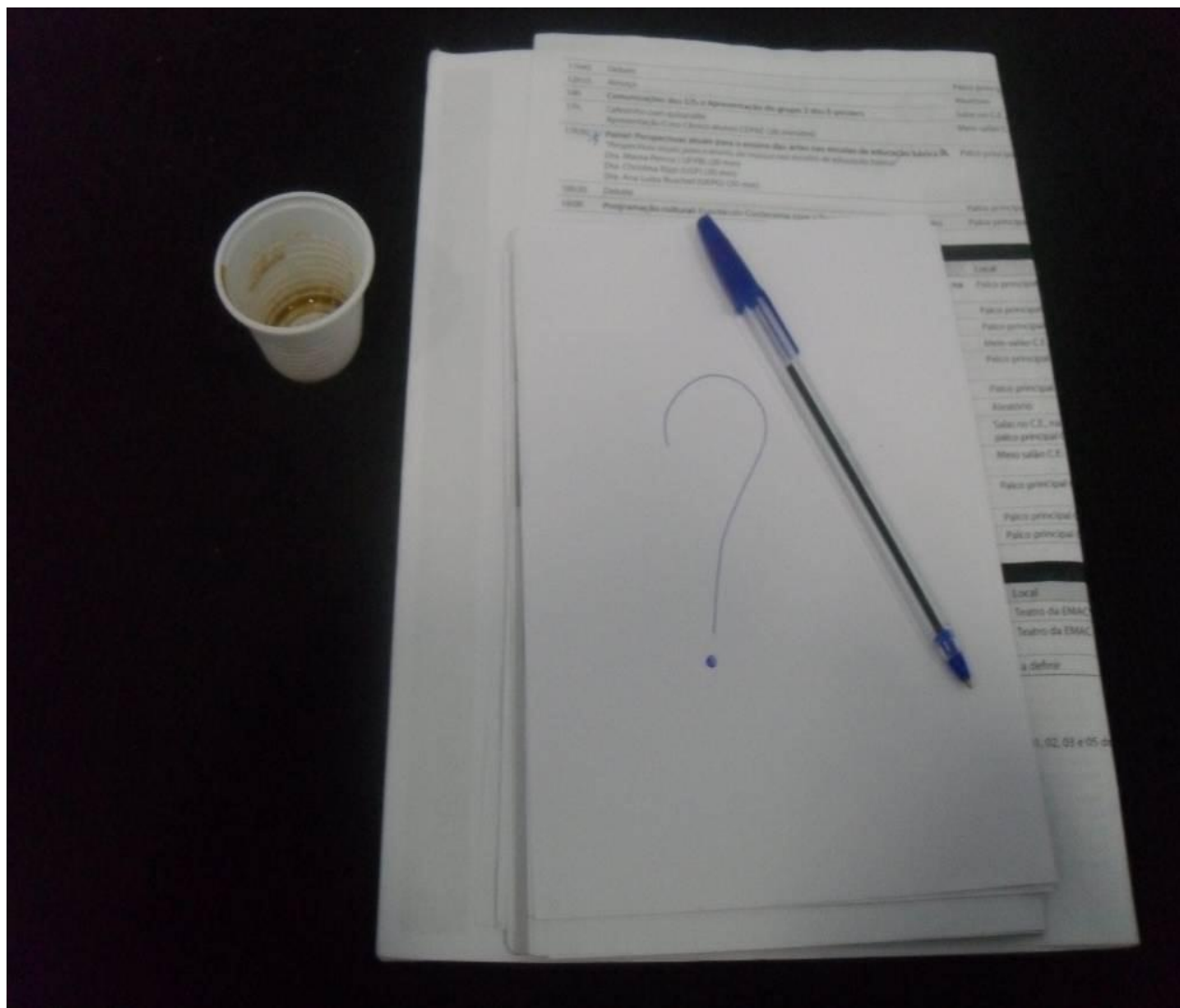


Figura 04 – Fotografia da autora da pesquisa (2010) Fonte: arquivo pessoal

O segundo momento da pesquisa ocorreu no primeiro semestre de 2011. Ao final, pude propor mais três encontros com as professoras, visualizando e acrescentando as adequações necessárias à sua tessitura. Isso aconteceu por intermédio dos passos já traçados, pois o que faz com que nossas pesquisas sejam inovadoras são os sentidos pessoais que atribuímos a elas, (DUARTE, 2008). Quero dizer que em várias partes,

algumas mais e outras menos, visualizei e movimentei esse texto a partir de meus sentimentos pessoais.

Então, é por esse olhar que retorno a este trabalho, balizada pelas possibilidades que a perspectiva teórica dos Estudos Culturais permite.

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais. (DUARTE, 2008, p.140)

Assim, prossegui com a pesquisa com o grupo de professoras, que permaneceu o mesmo. Propus a efetivação de três encontros para finalizar a pesquisa de campo e dei continuidade à pesquisa de campo. Realizei então o quarto encontro, ocorrido no dia 03 de junho de 2011. Como proposta, trouxe uma aproximação com a arte contemporânea e procurei problematizar através do material apresentado.

1º momento:

- Apresentação em PPT permeada por imagens sobre o surgimento da arte contemporânea;

Imagens:

1. Trabalhos de Jorge Macchi no segundo momento da pesquisa – Noturno, variação sobre o Noturno No 1 de Erik Satie – Exposição Monográfica - Santander Cultural. (Com esta imagem problematizei sobre o surgimento da arte contemporânea: a sombra, a ideia de surgimento e as “variações” que podem significar os momentos de surgimento dessa arte);
2. A reinvenção da roda e urinol - A relação da arte com a vida – O cotidiano – Duchamp. (Embreante);

3. Galaxy e uma imagem do artista produzindo - Jacson Pollack (relação artista-momento de criação da arte);
4. Marilyn e a Vênus de Mileto – relação da arte com o corpo; O que mudou? Mickey Mouse, Coca-cola, Lata de sopa - Andy Warhol. (Pop arte: cultura de massa, consumo, capitalismo);

2º momento:

Discussão após exposição do PPT - (ouvir o grupo de professoras)

PROBLEMATIZAÇÕES:

- Como vocês sentem-se diante do que acabamos de ver?
- Toda arte produzida hoje pode ser considerada arte contemporânea?
- Como poderia ser a relação desta arte com a educação?
- Estas obras poderiam estar numa aula de artes escolar?
- Como? Se não, por quê? Se sim, como apresentaríamos e discutiríamos?

3º momento

- Finalizei o encontro com prévio planejamento para os próximos dias, horários (17 e 30 de junho), local etc. Solicitei para o grupo uma escrita de uma carta no final dos três encontros.

Para o armazenamento do material da pesquisa utilizei uma câmera digital e meu diário de campo.

Assim propus uma aproximação com a arte contemporânea para as professoras. Selecionei o material a respeito do “surgimento” e da “definição” da arte contemporânea.

A partir da imagem *Noturno*, variação sobre o noturno N01 de Erik Satie – exposição monográfica Santander cultural – problematizei sobre o surgimento da Arte Contemporânea. Sugeri que as sombras presentes na imagem podem ser interpretadas como o borrado do início da Arte Contemporânea, que, na verdade, não tem uma data exata de aparecimento.

Para problematizar a relação da A.C²⁹. com a vida, expus as imagens do Urinol e da reinvenção da roda de Marcel Duchamp. Assim é essa relação dos objetos do cotidiano, que para Duchamp, se iniciou com a entrada destes nos museus. Com isso podemos tecer possíveis definições à A. C.: atitude, mudança de atitudes, processo.

Os slides mostraram a relação da arte com o consumo e com o corpo, questões que atravessam toda a história da arte, concluindo, como diz Canclini, que *o consumo serve para pensar*:

Hoje vemos os processos de consumo como algo mais complexo do que uma relação entre meios manipuladores e dóceis audiências. Um bom número de estudos sobre comunicação de massa tem mostrado que a hegemonia cultural não se realiza mediante ações verticais, nas quais os dominadores capturariam os receptores: entre uns e outros se reconhecem *mediadores*, como a família, o bairro e o grupo de trabalho (CANCLINI, 2008, p.60).

Se aqui a arte aparece como o próprio consumo, ela é também balizadora deste. Com isso, os temas apresentados no encontro aparecem nas falas das professoras como resposta ao que foi apresentado:

Eu acho que arte nos dias de hoje tem que ser utilitária o mais possível devido à crise mundial... Também ela tem que passar valores para os alunos em geral. Aproveitar os materiais reciclados é uma boa pedida, mas antes de tudo isso, pensar no futuro do planeta e ser feliz. (P.2).

²⁹ Arte Contemporânea

Da mesma maneira, o consumo é visto não como mera posse individual de objetos isolados, mas como apropriação coletiva, em relações de solidariedade e distinção com outros, de bens que proporcionam satisfações biológicas e simbólicas, que servem para enviar e receber mensagens (CANCLINI, 2008, p. 70).

A arte contemporânea não é mais como antes, não é mais aqueles quadros maravilhosos, pinturas perfeitas. Eu vejo que hoje tudo pode ser considerado arte. (profª 1)

Acho que muito mais que antigamente, né, antigamente eu digo logo depois do surgimento dela; hoje a coisa é muito mais livre, temos várias maneiras de explorar (P.3).

Penso que quando Danto (2006) tratou do fim de uma narrativa da arte, ele também queria dizer que a arte era um objeto passível de ter várias, e não apenas uma narrativa, única e fixa. Nisso incluiria o que as professoras falam ao narrar o que para elas é a arte hoje.

5 encontro:

dia 17 de junho de 2011

Proposta para discussão:

Objetivo:

A partir dos vídeos *Streamline*, *Cajá de música*, de Jorge Machi e *O que é arte contemporânea* - Projeto Rumos Artes Visuais 2008-2009, que serão exibidos, problematizar como lidamos com todas as relações que são possíveis através da arte contemporânea.

1º momento:

Exposição oral das professoras em relação ao encontro anterior, impressões e concepções

2º momento:

Exibição em data show dos vídeos

Discussão após a exposição dos vídeos sobre as questões propostas:

- Como lidamos com a arte contemporânea?
- Quais exemplos poderíamos apresentar sobre arte contemporânea?
- Quem pode se relacionar com a arte contemporânea? Todas as pessoas? Algumas?
- Como a A.C nos afeta em relação a nossa constituição como pessoa e profissional?

3º momento:

Antes da apresentação dos vídeos de Jorge Machi, fiz uma análise sobre os elementos presentes nos mesmos. Estas análises, além de preparar para apresentá-los ao grupo de professores, serviram-me como um aprofundamento sobre os trabalhos do artista, como também em relação à arte contemporânea e assim discutir de forma mais ampla com o grupo de professoras.

Insiro então as análises previamente realizadas: ao pesquisar artistas que, de acordo com a perspectiva de arte contemporânea, trabalham com a ideia de articulação das linguagens, identifiquei os trabalhos de Macchi. A partir desses princípios, selecionei dois trabalhos do artista para discutir com o grupo de professoras, e em consequência fazer uma análise: *Cajá de música e Streamline*.

Nos vídeos analisados identifiquei elementos musicais e visuais além de outros meios que, apoiada em Danto (2005), descrevo a seguir. Este artista³⁰, em seus trabalhos, possibilita a conversa na multiplicidade da arte contemporânea, ou seja, trabalhos que articulam as diversas linguagens artísticas: música, artes visuais, teatro e dança.

Nesse sentido, a arte contemporânea é a própria interconexão das linguagens e seus significados, o que corrobora a posição sustentada por Cauquelin (2005), a de que hoje não existe uma separação das linguagens artísticas. *Produtores, intermediários, consumidores*, público e espaços musicais, estão em constante comunicação, cujas definições não podem ser vistas.

É como na proposta da autora. Existe uma rede de comunicação, na qual não se definem as *entradas e saídas* num trabalho artístico. As entradas e saídas, se é que existem, não podem ser definidas ou encontradas; ou podem ser encontradas de diversas formas e meios pelos seus produtores, consumidores, curadores e público.

Esses trabalhos, aqui estudados, convidam-nos a fazer uma reflexão acerca dos recursos utilizados no cotidiano urbano específico: sons e imagens.

A ideia identificada nos dois trabalhos analisados, é de que, em situações cotidianas como o trânsito das cidades, encontram-se olhares não imaginados, ou seja, situações que não são comuns para pessoas que não têm um contato efetivo com esse tipo de arte. O artista faz um recorte do trânsito do cotidiano, e lhe dá outro significado. Significado que transcende a preocupação estética da arte, e busca uma atenção para as questões mais comuns do cotidiano. Isso envolve a ação dos agentes produtores, ou seja, a arte traz hoje, em suas práticas, problematizações que impulsionam atitudes entre público e arte, algo que se movimenta e provoca a linearidade que resiste ao modelo não linear de ver e fazer arte. (CAUQUELIN, 2005).

Macchi também se interessa por temas além do campo das Artes Visuais. Exemplo disso é a aproximação da escrita e da música, pois ele começou seus estudos em artes aprendendo piano; portanto não é por acaso que a música aparece em seus trabalhos de artes visuais, em parceria com músicos.

Seus trabalhos são concretizados a partir de imagens de jornais, mapas de cidades e de metrô, imbricados com a música e outras mídias. Mitchell (2005) vem dizer que “No existen Medios Visuales”. Ao aprofundar um pouco mais a leitura do autor, é possível

³⁰ Artista visual. Nascido em Buenos Aires em 1963. Frequentou a Escola Nacional de Belas Artes de Buenos Aires. Realizou inúmeras exposições pelo mundo. Vive e trabalha em Buenos Aires.

dizer que não existem meios puramente visuais, sonoros ou, ainda, táteis. O tato, os sentimentos, as emoções, de uma forma ou de outra, estão presentes na arte. Hoje isso fica muito mais claro.

Por isso, os trabalhos de Macchi servem como análises do entendimento de que, na arte contemporânea, não existem meios puros de expressão artística. Até porque falar em “pureza” nesse contexto não seria concebível. Estamos numa época em que o uno não se faz coerente. (MITCHELL, 2005).

Ao partir da formação de Macchi, que já é algo a se considerar, pois para construir seus trabalhos nessa inspiração visual e musical, teve experiência tanto com a música quanto com as artes visuais. Então, penso que se pode começar a perceber por aí o quanto as linguagens e meios de produção artística estão imbricadas.

Em uma entrevista concedida à fundação Iberê Camargo,³¹ Macchi narra como foi que iniciou os estudos em música e artes visuais:

Você começou estudando música e depois migrou para as artes visuais. Como foi esse processo? Não é que migrei. Mas foi um processo de superposição. Em um momento deixei de tocar por uma impossibilidade espacial – eu não tinha mais piano. Havia também uma impossibilidade técnica, que tinha que ver com uma dificuldade para ler partituras. E, acho que também uma falta de talento para o piano. Finalmente, comecei a fazer artes visuais. Mas, há recordações que eu tenho de momentos de tocar música, que eu gostaria de recuperar nos momentos em que estou fazendo artes visuais. Acho que a música proporciona um elemento, que tem que ver com o espaço absolutamente formal – a impossibilidade de reduzir a conceitos. Então, por isso, quando faço a música conviver em meus, ela é o elemento formal que eu quero alcançar com as artes visuais.

Os dois vídeos descritos a seguir foram objeto de análise em um primeiro momento da pesquisa. No segundo momento e último encontro da pesquisa de campo, foram utilizados como ferramentas para colocar em discussão a arte contemporânea experienciada pelas professoras participantes da pesquisa, bem como proporcionar uma possibilidade de mais uma experiência.

Streamline é um vídeo produzido em 2006, com duração de 5 (cinco) minutos e 8 segundos. A música utilizada por Macchi, no vídeo, foi composta por Edgardo Rudnitzky.

³¹ A Fundação Iberê Camargo, sediada em Porto Alegre, Brasil, é uma Entidade Cultural cujo objetivo é conservar, catalogar e promover a obra do pintor gaúcho Iberê Camargo.

O artista utiliza a imagem de cinco faixas de uma mesma rodovia, fazendo uma analogia com um pentagrama musical, para produzir o que seria uma partitura melódica a partir de imagens de “veículos passantes” nas linhas da rodovia.

Apoiada em Mitchell (2005) analiso os dois vídeos que se seguem. É interessante notar nessa primeira descrição que já na produção do trabalho houve uma relação entre os meios: sons, imagens e tato, pois para construí-lo o artista utilizou as mãos e até outras partes do corpo como os pés.



Figura 5 – Fragmento do vídeo *Streamline* (fonte: site do artista³²)

1. Mesmo havendo o traçado de um pentagrama (uma pauta com cinco linhas e quatro espaços), o artista relaciona a altura dos sons com a dimensão e/ou estrutura dos veículos. Ex: caminhões - sons graves; carros de passeio - sons agudos; carros utilitários - sons médios;

Aqui, é possível identificar que, além dos sentidos da audição e visão, utilizou-se também o tato, que a princípio não está presente; mas se pesquisarmos mais um pouco, perceberemos que no momento de construção do trabalho foram utilizados outros meios que não apenas o visual e o musical. E, ainda, não somente o visual, ou sonoro, ou tátil.

³² http://www.jorgemacchi.com/cast/videos_2.htm

2. Os veículos produzem os sons, com diferenças de altura e intensidade, independente do lugar na “pauta”;

Apesar de iniciar através de uma análise técnica dos vídeos, observei que, além dos instrumentos puramente técnicos, existiam ainda meios que estavam ocultos, mas que no todo compunham o trabalho do artista.

3. Os timbres são de instrumentos de corda friccionada (instrumentos de arco), onde identifico a presença de um violoncelo e um violino;

Aqui, é notória a presença do tato na execução do trabalho, na fricção da corda para obter sons esperados ou inesperados.

4. O comprimento e a velocidade do veículo definem a duração de cada nota.

O outro meio que identifiquei neste momento foi o tempo. O tempo define algumas características de um trabalho artístico, ou seja, é um meio a ser levado em consideração quando se trata de arte.

5. A melodia é espontânea, não há uma relação tonal;

6. A percepção que tenho é de que a rodovia ganhou uma “vida” diferente.

Neste último ponto identifico que, a partir do vídeo publicado, além dele ter dado um sentido de mixagem dos meios, também impulsionou o público a observar a cidade ou rodovia de um ângulo ainda não levado em conta.

Caja de Música é um vídeo-instalação, produzido entre os anos de 2003-2004, com duração de 1 minuto e 10 segundos, com som estéreo.



Figura 06 – Fragmento do vídeo *caixa de música* (fonte: site do artista³³)

1. Macchi utiliza também uma rodovia. São quatro faixas separadas igualmente por cinco linhas, simulando um pentagrama musical;
2. São oito segundos iniciais de silêncio;
3. A entrada dos primeiros automóveis faz soar três notas com alturas diferentes e, assim, dá seqüência a uma melodia ditada pela passagem dos veículos;

Entendo que, ao simular uma melodia de caixinha de música, o artista procura dar um sentido diferente ao trânsito de um centro urbano;

4. A passagem dos automóveis, em geral ruidosa, é “suavizada” pelo som delicado de um xilofone, que remete simbolicamente a uma caixa de música;

³³ http://www.jorgemacchi.com/cast/videos_2.htm

5. Notas graves são produzidas pelos carros que passam pela faixa, que corresponderia ao primeiro espaço sucessivamente, até por onde passam os mais “agudos”, ou seja, as linhas posteriores;

6. Inicialmente minha percepção foi de curiosidade e suavidade.

O artista consegue prender o espectador, mas à medida que o vídeo passa, cresce a dúvida e a expectativa de um final bem mais “apoteótico”, por entender que o vídeo está acabando e nada demais surpreendente acontece.

Portanto, os trabalhos de Macchi permitem um movimento entre as linguagens artísticas, dialogando assim com a proposta de arte contemporânea que apresento no decorrer do texto. Demonstra ainda uma ligação com as realidades e identidades do que podemos definir como cotidiano em suas propostas de práticas artísticas.

Vale ressaltar que, assim como trata Danto (2006), arte contemporânea não é apenas o que acontece agora, mas pode ser mais corretamente entendida como um entrecruzamento de movimentos artísticos. Para se chegar ao que temos hoje em relação à arte, existiu uma narrativa que teve fim, fato que deu início a um movimento que não dispunha mais de uma história linear.

Com base nesses entrecruzamentos de sons, imagens e tato, podemos dizer não existem somente os meios visual, musical, tátil e olfativo, ou seja, que estes não existem de forma desconexa. Assim, dizemos também que não se pode negar a especificidade de cada um deles. (MITCHELL, 2005).

3º vídeo apresentado:
“O que é arte contemporânea”



Figura 07 – Fragmento do vídeo “O que é arte contemporânea” (fonte: Google)

Após a exposição dos vídeos elas iniciaram o diálogo a respeito do entendimento da arte contemporânea:

É difícil entender arte contemporânea, a apreensão depende da intenção artística do autor, da interpretação do expectador, da interação público/obra/autor. (P. 4)

A arte contemporânea expressa a visão do mundo do artista, o que ele sente e o que ele vê sobre determinada temática. Não podemos, no entanto, generalizar, dizendo que qualquer coisa é arte e que qualquer um pode fazer arte. (P. 2)

A arte contemporânea nos permite mais do que apenas utilizá-la em datas comemorativas como forma de presentear entes queridos. E para que este pensamento seja sucumbido, vejo que é necessário que nossos educadores renovem suas práticas e passem a visualizar o grande leque de opções que a arte contemporânea pode nos oferecer como forma de trabalho. (P. 1).

As narrativas trazidas pelas professoras mostraram-me que, em qualquer ação que possamos realizar, no campo profissional ou fora dele, partimos de nossas crenças, valores.

Muitas vezes é preciso um trabalho mais intenso, para perceber outras possibilidades. Usando Larrosa para pensá-las

O eu se constitui temporalmente para si mesmo na unidade de uma história. Por isso, o tempo no qual se constitui a subjetividade é tempo narrado. É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo. (LARROSA, 1994, p. 31)

Foi a partir das narrativas de cada uma das professoras, em que narravam seus medos, satisfação e curiosidades com o tema estudado, que pude identificar nessas narrativas questões envolventes. Este encontro encerrou-se deixando margem para o próximo, momento em que basicamente demos continuidade à discussão.

6 ENCONTRO

30 de junho de 2011.

1º momento:

Poema *O Instante-já*, de Clarice Lispector, para falar do Agora da Arte Contemporânea (material levado por mim).

2º momento:

Pedi para cada uma definir o que seria a arte contemporânea partir do que já foi apresentado, discutido e problematizado;

Para mim, arte contemporânea é toda e qualquer manifestação artística que retrate o cotidiano atual das pessoas. A mesma pode aparecer na forma de pinturas (mais tradicional), mas também pode ser através de esculturas, músicas... A arte

contemporânea expressa a visão de mundo do artista, o que ele sente e o que ele vê sobre determinada temática. Não podemos, no entanto, generalizar, dizendo que qualquer coisa é arte e que qualquer um pode fazer arte. Penso que, o que o artista fizer, é arte, mas para ser artista é necessário que se tenha conhecimento sobre a teoria da arte, suas vertentes, e então realizar a sua arte.

Na área da educação, professores podem trabalhar com arte através de releituras de obras, contemporâneas ou não, mas que abordem a temática desejada pelos mesmos (P. 1).

A arte contemporânea não é mais como antes, não é mais aqueles quadros maravilhosos, pinturas perfeitas. Eu vejo que hoje tudo pode ser considerado arte (P.3)

Identificar concepções de arte, densas, reverberadas pelos sentidos que a arte permite na atualidade. Produzida e consumida de maneira des/estruturada, mas com o conhecimento de que existiu sim uma época em que as narrativas definidas ditavam os sentidos e conceitos da arte. (DANTO, 2006).

Essa ausência de uma narrativa mestra Danto (2006), abre um arsenal de possibilidades, de interpretações questionadoras, entrecruzadas de percepções a respeito da arte hoje. Momento em que se fala não apenas da arte em si, mas também dos temas que a atravessam. Geralmente são temas da atualidade que perpassam todas as camadas sociais.

Quando trata da morte da narrativa da arte, Danto (2006) traz um aspecto social pertinente: sua aproximação do cotidiano, ou seja, o contato das pessoas com a arte, ou da arte com as pessoas, é possibilitada também por não existir mais uma estrutura que dite as formas de apresentação dos objetos artísticos.

Então é pertinente mencionar — e isso poderia ser uma fecunda discussão —, que a escola é um dos lugares em que se pode ter a arte presente, mesmo que de forma sistematizada, como um ponto de partida. Em algum sentido é uma experiência desafiadora e produtora de questões que podem vir a favorecer outras experiências.

Em qualquer caso, é como se a educação, além de construir e transmitir uma experiência "objetiva" do mundo exterior, construísse e transmitisse também a experiência que as pessoas têm de si mesmas e dos outros como 'sujeitos'. Ou, em outras palavras, tanto o que é ser pessoa em geral como o que para cada uma é ser ela mesma em particular. (LARROSA, 1994 p.9-10)

5. Palavras “Finais”

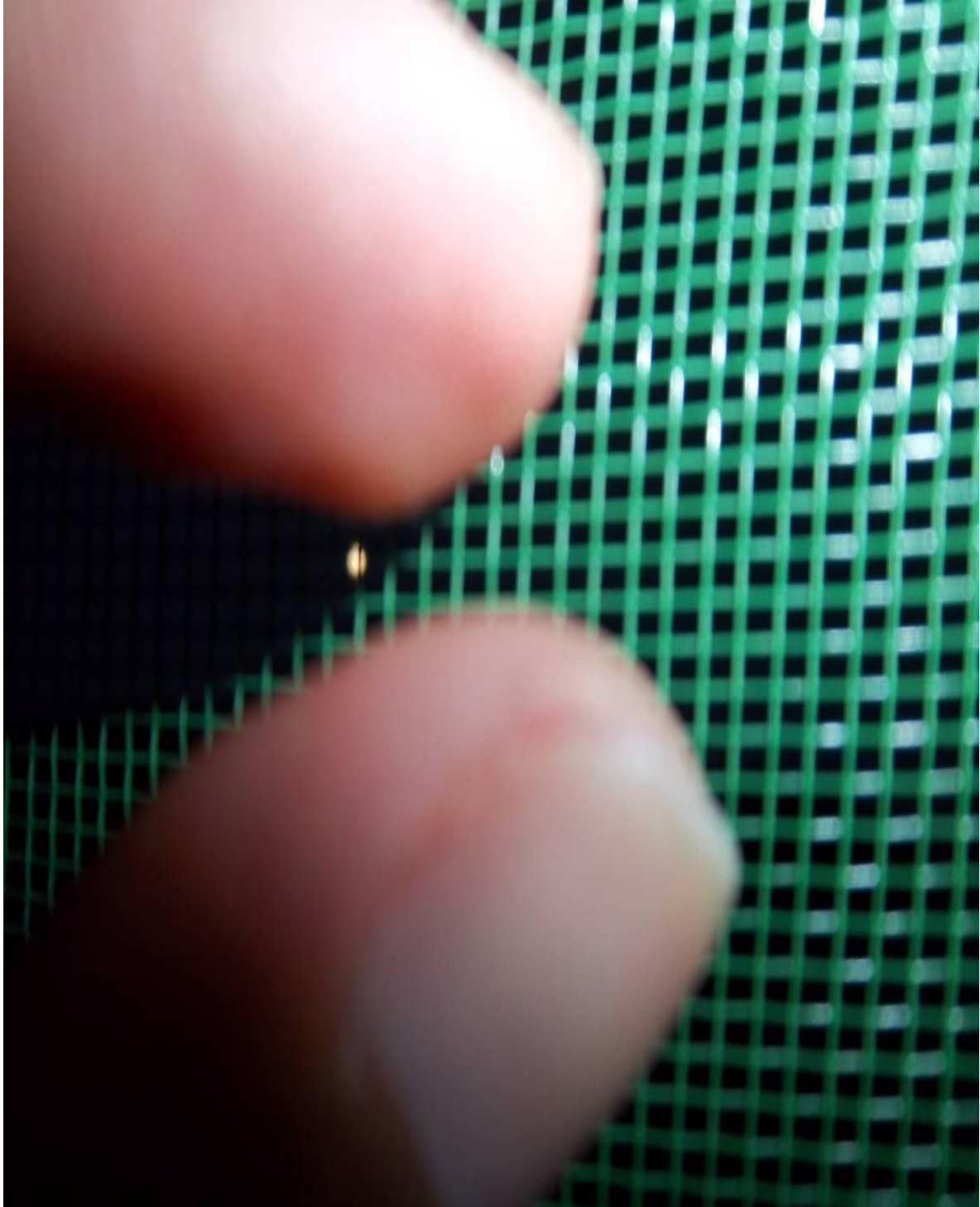


Figura 08– Fotografia da autora da pesquisa (2011)
Fonte: arquivo pessoal

Ao pensar o fechamento deste texto, apesar de saber que o fim não se aplica a um estudo acadêmico, acredito que o momento é apenas uma das possíveis conclusões. Como meu propósito seguinte será a docência, visualizo de antemão qual a contribuição dessa experiência para minha prática profissional. É bastante motivador pensar que seu trabalho não se encerra com a entrega da dissertação na coordenação do curso, mas que será útil para a educação.

Fui tecendo os caminhos, voltas, idas e vindas desta pesquisa como uma pessoa que ao viajar tem um roteiro pré-definido, mas com o decorrer da viagem não sabe como será o fim. Passei por lugares antes nunca visitados. O medo em alguns momentos me fez companhia, o suficiente para me impulsionar para frente.

Além de ter encontrado os subsídios adequados na constituição da pesquisa, pude me redesenhar como Pedagoga, profissionalmente e pessoalmente. Olhar e ver de outra forma o ser humano que difere de mim e entender para respeitar opiniões contrárias às minhas foi um exercício de grande relevância durante os dois anos de mestrado. Esse é um ponto importantíssimo quando se trata de trabalhar em grupo.

Ao chegar aqui, nesta “conclusão”, sintetizo a pesquisa em três momentos, apesar de que são momentos que conversam e que estão imbricados:

No momento inicial do trabalho fiz a primeira inserção com meu grupo de participantes da pesquisa, como também nos lugares que visitei (as escolas). Os primeiros três encontros da pesquisa de campo vieram despertar o que eu poderia fazer nos encontros seguintes, mas não apenas para isso. Serviram, ainda, para perceber aos poucos o que significa pesquisar na pós-graduação, os encaixes e os desencaixes, as dúvidas, os conflitos pessoais, o desespero, os acertos e os erros.

O que pensava ser o ideal para os encontros acontecerem, acabou por não ser; o ideal era, sim, o que estava por vir a partir do que propus. Era a pesquisa se vestindo. Mas para tal percepção foi preciso um demoramento, um estranhamento.

A análise dos vídeos de Jorge Macchi trouxe a discussão a respeito dos meios técnicos que estão presentes na arte contemporânea. A primeira análise foi uma descrição dos elementos e o segundo momento serviu como recurso para os encontros com as professoras participantes da pesquisa.

Após entender que não existem meios somente visuais, sonoros ou táteis, eles se mesclam, (MITCCHÉL, 2006). Revi as análises dos vídeos e os utilizei como recurso para propor as discussões nos encontros com as professoras.

Os últimos encontros, segunda fase da pesquisa, baseada nas reflexões a respeito dos primeiros, fiz a tessitura com mais cuidado os passos que estava a cumprir, os que me pareciam antes não serem relevantes, como por exemplo, as menções das professoras aos seus respectivos processos formativos. Agora, tinha a sensibilidade de apurar de forma mais cuidadosa cada contribuição das participantes.

Esses encontros vieram fortalecer o que a priori havia concluído sobre a experiência com arte contemporânea das professoras. Após o primeiro levantamento de dados, minha impressão foi a de que não existia material considerável para pesquisa, em relação ao objetivo que me propunha fazer (quais as experiências com arte contemporânea das professoras de arte e das pedagogas?).

Assim, ao ouvir um pouco mais as narrativas delas percebi que havia elementos fortes e suficientes. Não era só o que eu buscava, fechada nos objetivos, mas que os objetivos poderiam tomar outro rumo. Constatei então que nossos objetivos na pesquisa são pontos de partida, um rumo, um roteiro a ser seguido, mas que quando chegamos ao campo de pesquisa esses roteiros vão tomando outros rumos.

Muitas vezes pensamos que não são os rumos mais adequados, principalmente para alguém que está iniciando na aventura de viajar como pesquisadora, mas com o amadurecimento necessário a esta atividade notamos que essa é uma característica de qualquer pesquisa.

Baseada na perspectiva metodológica adotada no trabalho, calcada nos Estudos Culturais, penso que a pesquisa acontece nesse viajar por lugares que escolhemos, mas que em muitos casos não conhecemos, e por desconhecer nos deparamos com surpresas que ora nos apavora, mas que mais adiante entendemos que estamos no caminho adequado. (SANTOS, 2005).

A partir do trabalho aqui realizado pudemos constatar que não há um conceito de arte contemporânea, fechado em si, engessado, mas sim, uma construção subjetiva que se dá a partir das experiências teóricas e práticas de cada profissional docente aqui investigado. Esta consideração aproxima-se do que a arte contemporânea propõe como participação do processo artístico, tendo em vista a construção subjetiva do espectador do objeto artístico.

A sociedade no geral tem uma visão de cultura imposta, na qual, para uma pessoa ser considerada culta, é preciso conhecer e tocar uma obra de arte. Certa vez um professor me falou que para ter conhecimento da arte era preciso viajar e ver de perto

museus, artistas e “obras³⁴” de arte. Enfim, fiquei pensativa a respeito do que ele me falou, pois para mim não seria fácil conseguir viajar e conhecer os lugares nos quais se diz que a arte é legitimada.

Ao iniciar a leitura do livro de Anne Cauquelin “Arte Contemporânea: uma introdução” e através da aula nos seminários da LP4, percebi que posso conhecer a arte, através de outros meios que não apenas o físico, como visitar um museu, por exemplo. Hoje, na contemporaneidade, temos inúmeros meios que nos permitem conhecer arte sem até mesmo sair de nossas casas, como a internet, por exemplo. Há diversos canais de comunicação que podem nos levar a conhecer museus, espaços museais, obras de artes e artistas.

A continuação da formação foi uma discussão bastante fluída por parte das colaboradoras da pesquisa durante esse tempo. Eu, na ansiedade de conhecer suas experiências, quase deixei de lado essa questão relevante para a pesquisa. Fato este que a cada encontro e a cada contato, presencial ou virtual, era exposta a necessidade de uma atualização que conseguisse dar conta das ausências de suas formações.

Foi na repetição desse assunto que ativei para essa necessidade que gritava em palavras e gestos por parte delas. “A formação de alguém emerge das práticas, das experiências de si mesmo, dos outros, com os outros”. (LOPONTE, 2005, p. 123).

Compreendida esta necessidade, fiquei por um bom tempo refletindo como poderia inserir nessa pesquisa algo que eu não procurava, mas com base nas teorias estudadas, a pesquisa é justamente esse desencontro de hipóteses que elencamos *a priori*, “pesquisar é um processo de criação e não de mera constatação. A originalidade da pesquisa está na originalidade do olhar”. (COSTA, 2002, p.154).

Este trabalho possibilita abertura para um olhar múltiplo aos modos como enxergamos a arte contemporânea, de pensar como as pessoas que têm um contato menos direto com ela as nomeiam e definem. Visto que, penso esse trabalho dentro da educação, é considerável entendê-lo no sentido de refletir a partir do que o outro pensa e vê sobre a arte contemporânea.

O exercício da pesquisa foi um processo intenso que re/fez minhas concepções teóricas, metodológicas e que me levaram ao amadurecimento como pessoa. Conduzo para meu reservatório de conhecimentos, de todo esse processo, as leituras, as escritas, a pesquisa em si, mas levo mais ainda o que aprendi para a vida. Que muito irá

³⁴ Termo utilizado pelo professor naquele momento de nossa conversa.

permanecer na minha prática como profissional e na forma de pensar e agir com e sobre as pessoas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Riso de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. **Vida líquida**. São Paulo: Zahar, 2005.
_____. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BIENAL MERCOSUL. Disponível em:
http://www.bienalmercosul.com.br/novo/index.php?option=com_mostra_monografica&Itemid=182&task=detalhe&id=27 acesso em 03 de out. de 2010.

8ª BIENAL DO MERCOSUL: ensaios de geópoética: **catálogo**/ coordenação Alexandre Dias Ramos. Curador geral José Rocs; colaboração de Alexia Tala, Aracy Amaral, Cauê Alves, Fernanda Albuquerque, Pablo Helguera, Paola Santoscoy. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

_____: ensaios de geópoética: **guia**/ coordenação Alexandre Dias Ramos. Curador geral José Rocs; colaboração de Alexia Tala, Aracy Amaral, Cauê Alves, Fernanda Albuquerque, Pablo Helguera, Paola Santoscoy. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

BURKER, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, tradução Rejane Janowitz, 2005.

_____. **Frequentar os incorporais**: contribuição a uma teoria da arte contemporânea. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2008.

CANCLINI, Garcia Néstor. **A globalização**: produtora de identidades híbridas? In Atas do III Congresso Latino Americano da Associação Internacional para o Estudo de Música Popular. www.hist.puc.cl/historia/iaspm/pdf/Garciacancclini.pdf. Acesso em 20/04/2010.

_____. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, trad. de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão, 1998.

_____. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

_____. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

_____. **Estudos Culturais e educação: um panorama**. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.). *Cultura, poder e educação: um debate sobre os Estudos Culturais em Educação*. Canoas: Editora da ULBRA, p. 107-120, 2004.

_____; MOMO Mariangela. **Sobre a “conveniência” da escola**. In: Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: Autores Associados, n. 42, v.14, set./dez:2009, p. 36-61, 2003.

_____. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. In: _____(org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 93-117.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

DANTO, Artur C. **Após o fim da arte: arte contemporânea e os limites da história**. São Paulo: Odysseus Editora/Edusp, 2006.

DUARTE, Paulo Sergio. **Arte brasileira contemporânea: um prelúdio**. Rio de Janeiro: Opus, 2008.

FERRARI, Silvia. **Guia de história da arte**. Arte contemporânea. Lisboa: editorial presença, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado, 21 edição, São Paulo: Graal, 2005.

_____. **As técnicas de si**. Disponível em: <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/tecnicas.pdf> Acesso em 12 de Nov. 2011.

FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO. **Os artistas propõem**. Disponível em: http://www.iberecamargo.org.br/content/revista_nova/entrevista_integra.asp?id=179 acesso em 02 de out. de 2010.

GALLO, Sívio. **Currículo (entre) imagens e saberes**. Palestra proferida no V Congresso Internacional de Educação. São Leopoldo. *Pedagogias (entre) lugares e saberes*, 2007.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo**. In: *Educação & Realidade*, v.22, n. 2, p. 15-46, jan/jun de 1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A. 2009. 10ª ed.

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Disponível em http://www.anped.org/rbe/rbedigital/RBDE19_04JORGE_LARROSA_BONDÍA.pdf. Acesso em 21 de abril de 2010.

_____. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação.** Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LAZZARIN, Luís Fernando. (2010). **Captura e Resistência:** elementos para pensar os lugares da experiência com música no currículo. In Anais... 32ª ANPED. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT24-5803--Int.pdf> Acesso em: 14 de nov. de 2010.

_____. **Experiência das artes no curso de pedagogia: articulações e diálogos contemporâneos entre o visual e o musical.** Projeto de pesquisa de graduação. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

LOPONTE, L. G. **Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. Escritas de si (e para os outros) na docência em arte. 2006. **Educação** - Revista do Centro de Educação – Universidade Federal de Santa Maria, RS. 2005. Edição: 2006 - Vol. 31 - No. 02 p. 2

MACCHI, Jorge. Disponível em www.jorgemacchi.com/cast/obra16.htm. Acesso em 14 de novembro de 2007.

MILLET, Catherine. **A arte contemporânea.** Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

MICHELL, W. J. T. No Existen Medios Visuales. In: BREA, José Luís (ed.). **Estudios Visuales:** la epistemología de la visualidad em la era de la globalización. Madrid/España: Akal, 2005, p.19-25.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Sobre o etnógrafo turista e seus modos de ver. In: COSTA, M. V; BUJES, M. I. E. (orgs.). **Caminhos investigativos III:** riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 9-22.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação** — um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: autêntica, 1997.

SCHAFFER, Murray. **O ouvido pensante.** São Paulo, 1991.

SOMMER, Luís Henrique. **A ordem do discurso escolar.** In: *Revista Brasileira de Educação*. Campinas, v. 12, n. 34, p. 57-67, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e educação.** Rio de Janeiro: Autêntica, 2003, p. 144.

_____. **Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle.** In: *Anais do XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas.* Porto Alegre: PUC/RS, 2008, p. 35-58.

_____. **Michel Foucault e os estudos culturais.** In: COSTA. M. Vorraber (org.). *Estudos Culturais e educação: 2ª Ed.* Porto Alegre:UFRGS, 2004, p. 37-69.

_____. Olhares...In:COSTA, Marisa V. **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.23-37.

PESSOA Fernando. **Pensadores.** Poema: Travessia. Acesso em: 22 de mar de 2009. Disponível em: (http://www.pensador.info/p/poemas_sobre_a_educacao/1)

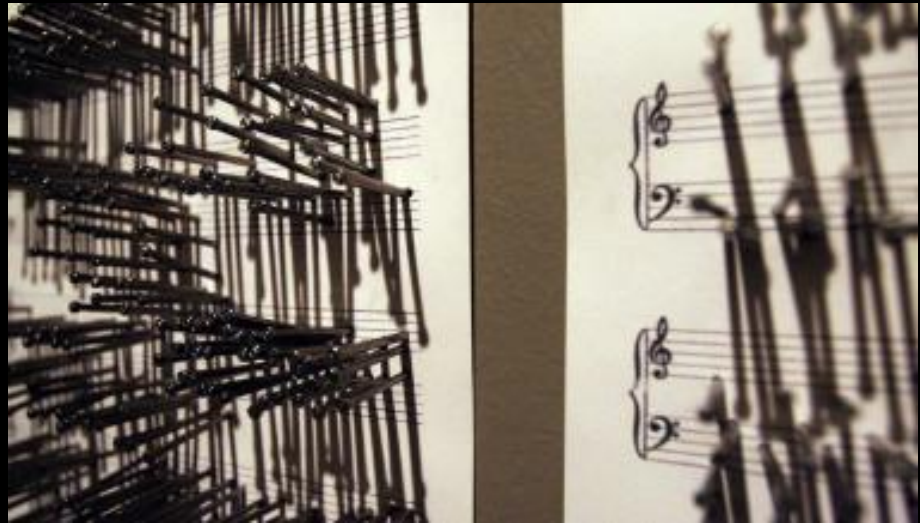
YÚDICE, George. A conveniência da cultura. Tradução da Marie Anne Kremer. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

Anexos

1. Jorge Macchi – Noturno, variação sobre o Noturno No 1 de Erik Satie – Exposição Monográfica - Santander Cultural. (com esta imagem problematizarei sobre o surgimento da arte contemporânea: a sombra a ideia de surgimento e como o próprio título diz, as “variações” que podem significar os momentos do surgimento dessa arte...)
2. A reinvenção da roda e urinol- a relação da arte com a vida – cotidiano - Duchamp (embreante);
3. Galaxy e uma imagem do artista produzindo - Jacson Pollack (relação artista-momento de criação-arte);
4. Marilyn e a deusa de (retirar 'de') Vênus de Milo – relação da arte com o corpo; o que mudou?
5. Mickey Mouse, Coca-cola, Lata de sopa - Andy Warhol (Pop arte: cultura de massa, consumo, capitalismo);

ARTE CONTEMPORÂNEA

**SURGIMENTO
ANOS 60,70,80
PODE-SE
DEFINIR UMA
DATA?**



Jorge Macchi – Noturno, variação sobre o Noturno No 1 de Erik Satie –
Exposição Monográfica - Santander Cultural.

SANTA MARIA, 03 DE JUNHO DE 2011

Figura 09 – (fonte: Google: <http://www.jorgemacchi.com/es/obras>)

DUCHAMP – EMBREANTE

READY-MADE
 RELAÇÃO COM A VIDA COTIDIANA

REINVENÇÃO DA RODA



<http://innekeralmeida.files.wordpress.com/2010/09/6.jpg>

VANGUARDA X ARTE CONTEMPORÂNEA

urinol



<http://www.fiz.art.br/artedowp-content/uploads/2008/07/marcel-duchamp.jpg>

Figura 10 – (fonte: Google)

Pós- guerra - 1950
Jackson Pollok

Galaxy



http2.bp.blogspot.com_zOAxGMzjbJ4Rrnp_SklawIAAAA/AAAAA4QCAqISUF5w_ss400Jackson_Pollock_Galaxy.jpg.jpg



<http://antesdos21.files.wordpress.com/2010/11/jackson-pollock.jpg>

Abstração; gesto; espaço.

Figura 11 - (fonte: Google)

O corpo na arte - mitologização

Marilyn por WARHOL



http://3.bp.blogspot.com/_46cP2vrzdO8TS-WpCV5gPIAAAAAAAAVsRFNzK4G8z0s1600pop_art.jpg

Venus de Milo



http://3.bp.blogspot.com/_vUQWvaXC85c/TIMqZGQxwVII/AAAAAAADI/-jccUCM8c5g/s1600/VENUS+DE+MILO.jpg

Podemos substituir?

Figura 12 – (fonte: Google)



Figura 13 – (fonte: Google)

MATERIAIS NA ARTE CONTEMPORÂNEA



<http://www.joern.dk/landart/land%20art%20kullen2.jpg>

“(...) Não são apenas os materiais, mas também os significados.” (MILLET, 77, 1997)

ROBERT SMIRTHSON



<http://www.joern.dk/Ledreborg/land%20art%20ur-kult-ur.jpg>

“(...) a opacidade do código simbólico: não vemos um quadro representando uma coisa, vemos essa própria coisa.” (MILLET, 37, 1997)

Figura 14 – (fonte: Google)